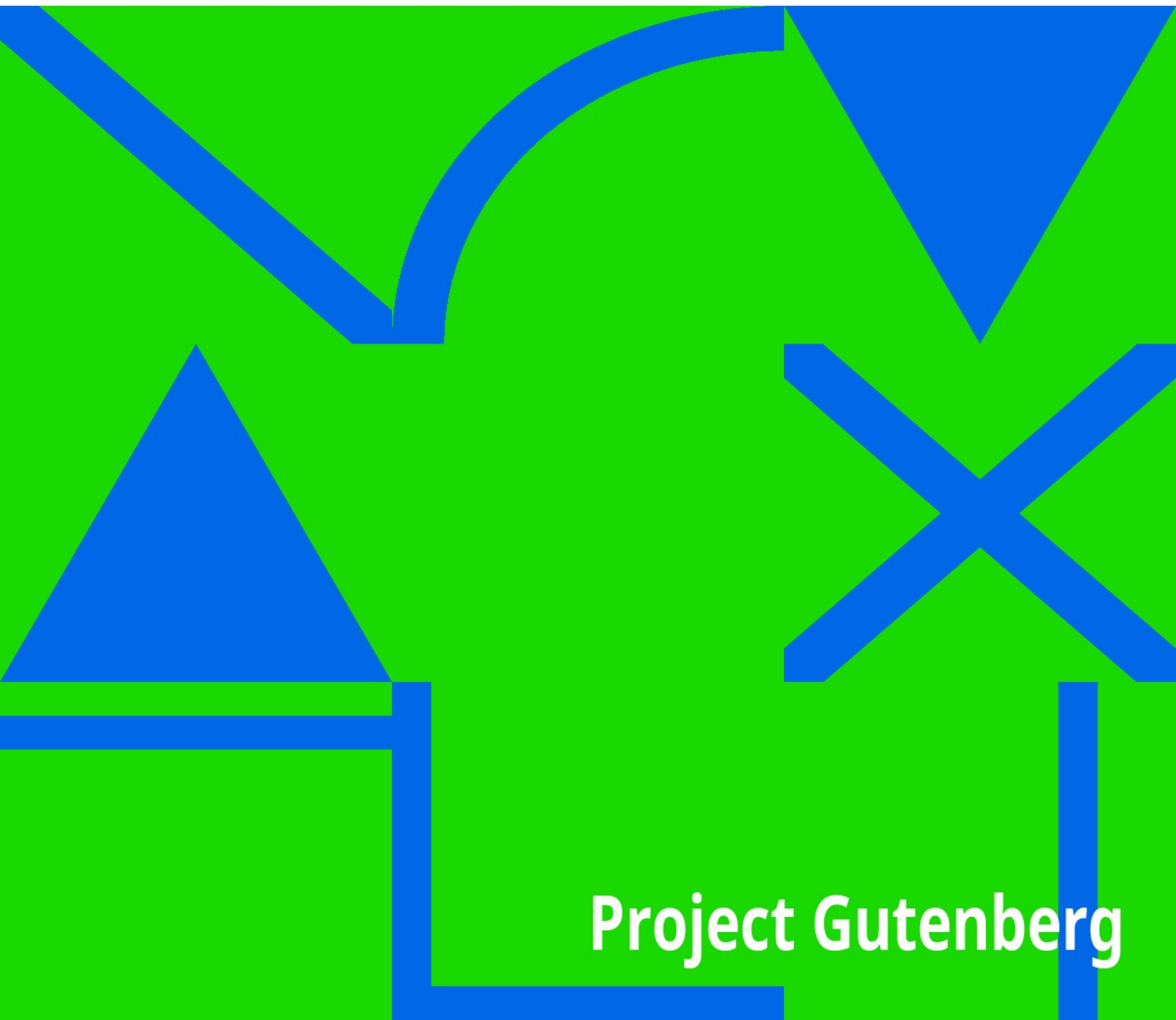


Musa Velha

Francisco Palha

An abstract geometric pattern consisting of various blue shapes (triangles, a square, a circle, and a cross) overlaid on a green background.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Musa Velha

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Musa Velha

Author: Francisco Palha

Release date: January 31, 2009 [eBook #27940]

Most recently updated: January 4, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG
EBOOK MUSA VELHA ***

MUSA VELHA

Porto: 1883—Typ. de A. J. da Silva Teixeira
62, Rua da Cancellaria Velha, 62

FRANCISCO PALHA

MUSA VELHA

PORTO
ERNESTO CHARDRON, EDITOR
1883

*Virgem dos olhos negros, se
em tua alma
memoria inda conservas
d'outro tempo,
só tu entenderás porque este
livro
ousa ás trevas fugir, e o sol
encara;*

*mas como quem escreve e
quem publica
não perde tempo, nem
dinheiro gasta
para teus ocios entreter
sómente,
deixa-me vêr se á força de
assignantes,
de venda avulsa, exemplares
de mofo,
há mais no mundo quem me
entenda e leia.*

MUSA VELHA

DONA MORTE

Deu na tonta de entrar na minha escada
 á Dona Morte um dia.
 A pobre anda estafada
do continuo ceifar desde que ao nada
por divinaes processos da alchimia
 a terra foi roubada.

★

Da comprida queixola desdentada
esta sentida nenia lhe saía:
 —Senhor! forte estopada!
Sem poisar a caveira o mundo corro. Em toda a parte estou. A
toda a hora
prostro alguém a meus pés, e geme, e chora
por minha culpa alguém! Nenhuma aurora,
 de luz nenhuma o jorro,
as orbitas vazias me alumia!...
Nunca uma esp'rança! nunca uma alegria!
Á dôr alheia pondo um suave termo
só a minha o não tem!... Só eu não morro
emquanto o mundo não tornar um ermo!...
Á obra! Á obra!—

 E lepida subindo
 tocou a campainha:
um lugubre tocar que dava medo;
que não mais deixarei de estar ouvindo,
e fez com que eu então, muito em segredo,
 rezasse a ladainha.

★

Era um simples aviso, pois que a porta
por si se escancarou e deu entrada
 áquella feia ossada
de vermes revestida, e negra, e torta,
de mim ha longo tempo enamorada.

 —Senhora Morte, viva!—
disse ao vêl-a, fingindo animo forte;
mas cá por dentro, como a sensitivan'haste as folhas retráe que
lh'as não córte
 quem d'ella se aproxima
e levemente a mão lhe põe por cima,
cá por dentro a minh'alma, em pasmo estranho
por vêr-se em tão cruel extremidade,
foi-se encolhendo até ser do tamanho
 d'um reles feijão frade!

*

 —Desculpe a impertinencia—
continuei.—Como é que usam tratál-a?
 Por tu? Por *Excellencia* como é hoje tratada toda a
gente?—

 «A mim é-me indifferente.
Não faz ninguém de tal miseria gala
no reino onde eu impero.»

 Esta resposta
me deu a Dona Morte, e junto ao leito,
onde eu espreguiçava a mandrieira,
 chegou; puxou cadeira;
sentou-se gravemente, sobreposta
uma rótula n'outra.

 Com effeito
mau é vêl-a!... peor á cabeceira!
E poz-me a fria mão aqui no peito.
«Que bons pulmões tens tu! e como pulsa
na tua idade o coração ainda
pelas paixões mundanas agitado!»—Então...—volvi com voz menos
convulsa—
inda tenho a viver um bom bocado?!—
 «Conforme. Tudo finda
quando me apraz e breve.»

 —Se ao teu lado
para afastar-te eu não chamar a Siencia.—
«Dou-te um dôce que a chames! Cáe tu n'essa!

descobriste a maneira, tem paciência,
de eu carregar contigo mais depressa.»

—Banal! Banal! Cuidei que era outra coisa—
rosnei com meus botões.—Um vende bolas,
um palurdio qualquer vindo de Loiza,
da Lourinhã, do inferno, esta sandice
ancho diria qual a Morte a disse.

*

Ella no entanto, um pé bamboleando,
co'as phalanges dos dedos descarnados
batendo sobre a tibia, ia soltando
uns sons de castanholas
com que sóe convocar gatos pingados
ás grandes, funerarias cabriolas.
de subito se ergueu.

Após pequena pausa

«Não ha remedio!

Deixar-te vou por causa
d'uns ganchitos que tenho aqui no predio.
O cónego não dorme ha tres semanas.
Rouba-lhe o ar a suffocante angina
que o peito dilacera.
Tem esgotado as provações humanas.
Na longa vida santamente austera
fez jus, coitado! á compaixão divina.

Melhor que o da morphina,
premio á virtude, um somno lhe preparo
brando, quieto, sereno como um lago.
Apanha o padre agora! e apanha, é claro,
quem lhe abichar na Sé o logar vago.
O conego aviado, tenho uns planos
de ir tocar no ferrolho ao conselheiro.
Quero abater-lhe a prôa!... Setenta annos
e sóbe inda lampeiro
outros tantos degraus!... Então córado!
redondo!... Uma cereja!...

E como se espenneja
quando vae pela rua engravatado,
para as moças olhando ás furtadellas
como quem diz: *Assim quisessem ellas!* Chucha um pisco ao jantar;
um pisco á ceia.

Por não dormir de tardenem trazer nunca a barriguinha
cheia

considera-se livre do meu jugo
e d'isso faz alarde!
Pois tu vaes vêr, fradinho de sabugo!»

Travou da arqueada foice;
disse-me:—«Adeus! Eu volto. Eu volto. Espera»:
virou a espinha, e foi-se.

*

Sim, que te espero! Aqui te aguardo, ó fera!

*

Mal passado um minuto, instantes, penso,
portas a abrir-se, gente que subia
resmoneando latim, e cheiro a incenso.
o opoponax da velha liturgia.

Desci. Curvei-me. Bemaventurado
aquelle que tem fé! Como um soldado,
firme em seu posto o conego morria.

*

Volto a casa. Corri logo á janella.
Nos amplos ceus azues esmorecia
a luz d'um sol d'abril. Do floreo seioperfumes exhalava a
Primavera
fallando-me por modo que a entendia.
Quanto distava, quão diversa que era
da outra scena aquella!
Então clamei: *Em ti, meu Deus, eu creio!*
Um mez depois alguém contar-me veio:
—Lá puxou o visinho aqui do lado!
Hontem, depois do chá e o rol escripto,
saíu da mesa, deu-lhe uma tontura,
rodopiou, caíu na sepultura
co'a paz na consciencia e o palito
no canto inda da bocca!—

No outro dia
foi-se o bom conselheiro, encaixotado,
direito ao cemiterio.
Na turba que o seguia

havia quem dissesse: *Um homem sério!*
acabado.

E tudo era

*

Chega-me agora a vez. Prompto! Presente!
Prompto sou a marchar!... mas descontente. Não que eu tema
morrer. Quem morre inteiro?
Aquillo que me assusta, o que me aterra
é sómente a lembrança de que á terra,
tal qual se semeasse fava ou trigo,
o bruto do coveiro
cantarolando, atirará commigo!

Eu, que respiro ao sol da liberdade,
fechado n'um segredo humido, immenso,
frio, escuro, por toda a eternidade!
Preso... amarrado ali! Meu nome inscripto
n'um livro negro, em folhas côm d'ict'ricia,
como se inscreve em notas de policia
o nome do gatuno a quem o apito
tranquillo não deixou bifar um lenço!
Numerado inda em cima! numerado
como um grilheta!... *O cento e trinta e cinco*. de cestos de cal
virgem carregado
p'ra todo o sempre n'um caixão de zinco!...

*

Não estou pelos autos. Não!... Protesto.
Quando a morte vier por este resto,
d'homem... de coisa... nem eu sei ao certo
isso que fui, que sou, para o que presto: quando ella pois vier,
e virá cedo...

e vem... que a sinto perto,
ordeno que me estendam n'um penedo
da minha amada Cintra. Redivivo,
á luz serena e pura
dos puros ceus, o misero captivo
reabrirá seus olhos porventura!
Inda lá teu amor, tua belleza,
a força me darão, *tres estrellinhas*,
para affrontar a idade, a natureza,
e triumphar do Eterno!

Com certeza

que nem sequer, leitor, tu adivinhas,
nem eu jámais direi de quem se trata.
Bem o desejas tu, lingua de prata!
Era um maná!

*

Ó sombra que fugiste,
que sem cessar procuro em toda a parte
e não encontro nunca,
porque é que tu não voltas, e d'est'arte
de saudades a Dôr, teimosa, junca
o meu caminho triste?!
Agora ao menos, anjo expatriado,
em que eu por ti resumon'uma lagrima só as que hei
chorado
dês que te dei minh'alma até est'hora,
porque é que tu não vens mostrar-me o rumo
do ninho teu d'outr'ora?!
Vem! e guia-me tu n'este momento
á dôce paz do suspirado porto!
Foste na vida o meu maior tormento...
Ai! Sê na morte o meu maior conforto!

POR FIM...

Tu queres, Dorinda, queres
que eu tome os banhos da igreja?!
Não será melhor que esteja
de noite a fazer colheres,
de dia a apanhar carqueja?!

Pelo ceu! que o matrimonio
não é mais que pellourinho,
d'onde as barbas do visinho
vemos ardendo! demonio
disfarçado em Cupidinho.
O outono com seu cortejo
de folhas seccas no chão!
O eterno adeus á illusão!
O ultimo som do harpejo
que Amor tira ao coração!

O susto! a agonia! o trance
de ir vivendo sempre á espreita
se ha quem tornar-nos alcance,
pois tal historia deleita,
altos heroes d'um romance.

E queres, Dorinda, queres
que eu tome os banhos da igreja?!
Para quê? Para que veja
que entre todas as mulheres
uma existe que sobeja?!

Não! e não! Viva o solteiro!
Aguia voando no espaço
sem ter certo o paradeiro,

e cravando as garras d' aço
nas pombas que vê primeiro!
Sae, e entra, e torna fóra
sem que ninguém lhe interroque
onde foi, qual é a hora,
nem pecuinhas lhe jogue
sobre a provavel demora;

Sem que a esposa ciumenta,
Furia, Medusa, tormenta
de más caras, más respostas,
invente o que o diabo inventa:
dormir-se costas com costas.

E, depois, Madame Aline
rôa as unhas! Que se fine
entre rendas d' Alençon!
que o meu dinheiro não tine
p'ra que tu andes no tom!

Já vês que debalde queres
que eu tome os banhos da igreja.
Iça o pau da carangueja!
Nos turcos os escaleres,
e para o largo veleja!
Mas tambem... viver sósinho!
Sem fé... perdido... sem ninho...
Sem se erguer uma só voz
na aridez d' este caminho
a Deus orando por nós!!

Retornando ao lar deserto
achar tudo a *trochemoche*!...
O bahu sem chave e aberto
dizendo ao larapio: - *Entrouxe,*
que você é que é o esperto! -

Sempre mal fervida a sopa!
Sempre o café mal torrado!
Feita a passagem na roupa
deixando o dono enleiado
se foi a agulha se a choupa!

Se ainda, Dorinda, queres
que eu tome os banhos da igreja,

não descances na peleja,
que eu sou como os malmequeres:
não e sim. Louvado seja!
Ai! que é bom durante os ocios,
na fortuna e na miseria,
achar ao lado uma Egeria
que, em se fallando em negocios,
não tuja sobre a materia;

Que seja como a romana,
meio amor e meio roca;
não sáia nunca da toca
mais que uma vez por semana,
nem tinja o cabello d'óca;

Nem, quando a afiada foice
da vida o fio nos córte,
de riço invective a Sorte,
e diga baixinho:—*Foi-se!*
Quanto és minha amiga, ó morte!—

E d'aqui outro consolo
melhor que maracujá
e que o dôce de tijolo:
ter quem, a rilhar n'um bolo,
nos julgue e chame papá!
Loura criancinha meiga,
para o pai mimo celeste,
e para o estranho uma peste
que emporcalha de manteiga
as calças que a gente veste.

Inda agora é que eu reparo
nos teus olhos, creatura!
São negros... d'um negro raro!
Negros como a noite escura
com seus quês d'um sol bem claro!

Alto o seio e pura neve
que mil desejos excita!
O pé delgadinho e breve;
e quanto a mão... Deus permitta
que a não tenhas muito leve.

Dá-me o teu braço, Dorinda.

Vamos aos banhos da igreja.
Certo é que não graceja
quem diz que os refrescos, linda,
curam toda a brotoeja.

CARTA

ao Conde D'Almedina, Inspector da Academia Real
de Bellas-Artes, que no estrangeiro sollicitou uma
commenda para o author

Tratante d'inspector, cuidei-te amigo
e sácas-te a mangar assim commigo!
Traição! insidia! roubo! Eu, um pelintra
que nem posso comprar um burro em Cintra,
onde a commenda magna em chammas brilha
sobre o manto azulado de escumilha
que Deus usa no v'ção, e a natureza
ironica sorri da pequeneza
d'esta baixa comedia, eu-velho! eu-calvo!
á publica irrisão a servir d'alvo?!...Qual foi meu crime? Qual?
Era deveras
menos duro entregar-me inteiro ás feras.
Ridiculo não ha na gente morta.
Fôra uma vez um Palha!... A questão corta
e não se falla mais.—

Por não ter *guines*,
tratante d'inspector, não me adepines.

Eu amo a sombra fria. Odeio a moda.
No bulicio d'um baile anda-me á roda
a caixa do miolo; um labyrintho
onde, perdido, entontecer-me sinto.
Moem-me as praxes; pesam-me etiquetas,
e tudo sei rasgar... menos baetas.
Por mais que mire uns outros enfeitados,
tão contentes de si, e tão coitados

que julgam ser alguém!, não sei... não acho
nem honra nem razão no berbicacho
dourado, reluzente, sol d'esmalte,
do qual em cada raio não ressalte,
ante luz de gloriosa eternidade,
um feito illustre a bem da humanidade.

D'outro modo o que é? Um mau bocado
de pão de rala a cães famintos dado:
d'um réles charlatão a taboleta,
na qual, quem passa, lê: *Dom Paparrêta!* ou lê inda
peior! Mette-me á bulha,
terás aqui o rol de quanto pulha
grande se fez tal qual se torna grande
o bácoro a fossar e a comer lande.
Ai! no me pique usted! Sob o arminho
busca, e talvez encontres pergaminho
lavrado a ferro e sangue, fresco ainda,
nos coiros fuscos de infeliz cabinda.
Nem titulos pomposos nem veneras
valem dez reis furados n'estas eras.
Hoje o premio a heroes dá-se ao dinheiro.
Importa lá se é falso ou verdadeiro?!
Comprou? Correu? O mais é tudo historia.
Nem o nome villão fica em memoria.
Uma coisa é escalracho, outra-papoila.
Onde era a nódoa poz-se a lentejoila.

Ha excepções, bem sei. Dou-lhes apreço.
Morro d'amor por essas que eu conheço;
mas como a estes raros não pertença,
e menos inda aos outros, o bom senso
manda que eu te agradeça os teus favores
e ria da mercê.

Quando tu fores,
saudade ao peito, encasacado, sério,
despedir-te de mim no cemiterio,
verás que desço á terra, oh! vista horrenda!
nusinho tal qual vim; e por commendainerte o coração, gasto da
vida
na rude, pertinaz, obscura lida.

Tu mesmo então, artista d'olho fino,
dirás á turba:

«Emfim o peregrino

na paz eterna vai dormir agora!
Andou mettido a vida inteira á nora
d'este poço sem fundo de miserias.
Abusava do riso, das pilherias,
e d'outras coisas mais em que não fallo.
Foi Job em vez de ser Sardanapálo.
Uma raía da Sorte. Ella faz d'isto:
dá impérios ao démo, a cruz ao Christo.
Mas resta-nos, amigos, um consolo:
tudo seria... excepto um grande tolo.»

REQUERIMENTO

Meu Couto Monteiro,
senhor da Justiça
que nunca, que eu saiba, saiu do tinteiro,
e pae dos famintos que engolem á missa
o corpo sem mancha do santo Cordeiro.

Não rondo as arcadas
fazendo-te esperas.

Não subo as escadas
que ascendem aos atrios das altas espheras,
levando no bolso memoria sebenta
que ha mais de mil annos requer um despacho,
nem ponho o toutiço, já calvo aos cincoenta,
tapete,

em ar de

em ar de capacho,
no teu gabinete.

Só quero dizer-te que tenho defronte
da casa onde habito
um sino maldito.

Não sei se t'o conte...

De dia, de noite, ao sol, ao luar,
não faz outra coisa
senão badalar!

Nem elle repouisa
nem deixa na rua ninguem repoisar!...

Ha quem me assevere que o demo mofino
montado no sino
se foi baloiçar!...

Baloia-te, pêrro! Engendra um badalo
do vil pé caprino
e dá-lhe um estalo!
e dá-lhe a matar!

Não tremas, sabujo! que o sino foi bento;
mas sabes que as benções são cruzes no ar;
levou-lh'as o vento.

Entrasse em teus ossos o meu rheumatismo;
roesse a medulla; por noites e dias chumbasse-te o corpo n'um
duro colchão;
então saberias,
ó filho do abysmo,
verias então
se assim te mexias!

O caso é que tu
commigo caçôas e ris dos doutores,
pois nunca tens dôres,
e nem te constipas! e, mais, andas nu!

Parece impossivel! Dá volta á cabeça!
Eu cá, homem serio, que gema e padeça;
que em vindo janeiro
me rape um catarrho!... E haver um brejeiro
que passa o inverno
sem chuvas nem lamas!
quentinho nas chammas
do pródigo inferno!
rival do Eterno!
eterno elle mesmo! Sagaz Providencia,
e és da justiça, do amor és a essencia!

Bem sei que o tal sino foi feito, fundido
na terra dos cirios, da Carta, do hymno, d'aquelles
quarenta
de pêllo na venta
que ao reino opprimido
quebraram algemas d'um jugo ferino;
e a Carta era um mytho, são presas do olvido
os nomes e as glorias de heroes legendarios
se os sinos dormirem nos seus campanarios
qual dorme a memoria
dos feitos illustres nas sombras da Historia.
Ó Couto Monteiro, se a Carta está morta,
o que é que lhe importa,
que importa aos guerreiros em pó transformados,
que toque ou não toque
nas torres da Graça, da Sé, de S. Roque,

o sino importuno masurkas e fados?!
Nem isso os aquece, nem ha desafôro
qual este que os templos agora profana
passando dos palcos aos órgãos do côro,
aos sinos de igrejas, a copla mundana.

Nem tu me perguntes: «Quem é que armarieis
com mais alegria
que o meigo innocent, do somno lethal
que á treva o prendia,
nos braços do Christo resurge immortal?
Qual voz, como aquella, dos vivos implora
por alma dos mortos a prece final?» Por isso!... por isso, meu
Couto Monteiro!
O vil não repica, nem geme, nem chora,
senão por aquelles que teem dinheiro!

Que nasça, que viva, que durma na valla
quem é pobresinho, sem festas nem dobres!
O sino só tange conforme a tabella,
só diz:—*Baptisou-se*, dos mortos só falla
se o manda o *sob'rano* do reino dos cobres,
a libra amarella!
No ceu, felizmente, vigora outra escala
na qual os primeiros são elles—os pobres,
e poucos ricassos, que vão por engano.

Se és, qual eu julgo, christão verdadeiro.
Meu Couto Monteiro,
é justo que ponhas no prego o sineiro
que á patria com fome
propines uns nacos
de sino em patacos:
verás como os come.

PREFACIO D'UM LIVRO INEDITO

Mamãsinha impertinente,
não te ponhas com tolices.
Faze como se não visses
se vires a filha innocente
lendo as minhas criancices.

Deixa vãs proibições
se este meu livro não queres
escondido entre colchões,
que é onde escondem mulheres
livros, cartas, e... orações.
Depois, o livro que ensina?
Muita coisa boa e má
que ha de fazer a menina
porque tu, que és menos fina,
as fizeste ao seu papá.

E sendo condão fatal
que a filhinha, que tu crias
com pretensões a Vestal,
siga o exemplo das tias
pela influencia carnal;

Ao vêr servir de palito
n'este meu livro erudito
tanta gente, ha de hesitar;
e á cova irá de palmito...
se a morte cêdo a levar.

Deixa-te pois de tolices,
mamãsinha impertinente.
Faze como se não visses

se vires a filha innocente
lendo as minhas criancices.

MAL POR MAL...

Eu trago em minh'alma afflictta
revolto mar de agonias.
Tedio da vida os meus dias,
as minhas noites, agita.

Ó minhas crenças d'outr'ora,
dôces amigas da infancia,
a que longinqua distancia
do meu peito andaes agora!
N'esta cerração escura
assim me deixaes sósinho!
e sem que volteis ao ninho
baixarei á sepultura!

De mim te acerca bem perto,
ó morte! No estreito abraço
vôa commigo no espaço,
leva-me d'este deserto!

Mas se na mansão infinda,
onde librar-me tencionas,
nos dão as mesmas taponas
com que a sorte aqui nos brinda;

Se esguio velhote avaro
n'essas alturas se encontra,
com seu barrete de lontra,
olhar e sorriso ignaro;

De fallas mansas, beato
para vêr se os santos pobres,
saudosos dos magros cobres,

lhe vão empenhar o fato;
Se o operario, se o povo
crê tambem que o mundo em ruina
ha de sair da officina
corrigido e mundo novo.

E em lutas, que são eternas
por lhe ser eterna a peia,
quebrar pretende a cadeia
e quebra a si proprio as pernas;

Se n'esse logar bemdito
pisamos a mesma lama
que sobre a terra se chama
—O Asmodeu,—O Mosquito—;

Se é Mercurio almiscarado
o filho de Compostella;
se por ventura um Alviella
tem lá de ser encanado;

Se o Milhão é quem impera;
se se fez Deus o egoismo;
se ha dôres de rheumatismo,
e nas vinhas phylloxera:
Fecha, ó anjo, as negras azas!
que em tal apuro, olha o rente!
tanto faz morrer a gente
como mudar-se de casas!

A UMA CREATURA

Que tens tu a dizer do teu destino?
Que mal... que mal te fez, ingrata, a sorte?
Desunhas-te a comer queijo londrino;
na polka és a mais forte;
essa fulva cabeça de leôa
não passa d'avellã; por isso és goso
do bravo rapazio de Lisboa.
Preludias na *banza* um *rigoroso* que os mortos ergue, as campas
despovôa.
Desmamadinho já, em salto airoso,
balando, os longos ecos atordôa
o teu futuro esposo. Calçando o largo pé na estreita
bota
encaixaste o Rocio na Bitesga.
Capaz és tu de entrar, sendo janota,
no ceu... por uma nesga.

Trazes um *dogue* ao collo... Tens na tia
chaperon e banqueiro. Anda estafada
a velha e mais a burra. A orthographia
contigo, ao vêr as duas, não quer nada.
Quem de mólho as barbas não poria
vendo a barba visinha incendiada?!
Dás á lingua durante o santo dia,
e bates na criada!

A coisa mais feliz de quanto existe
és tu portanto. E dás então cavaco,
maldizes, blasphemando, o mundo triste!
e chamas-lhe velhaco!

O mundo?! O mundo o que é? Por mim supponho

ser apenas ironica pilheria
que Jehovah soltou quando, risonho,
pretendeu descansar de empresa séria.
Ha n'elle o encanto espiritual do sonho.
Ha n'elle o encanto vil da vil materia.Faz rir e faz chorar, o
Triboulet medonho!
a divinal miseria!

A graça toda está n'estas *nuances*;
nas sombras e na luz com que prepara
da dôr e do prazer os varios lances
o velho Dulcamára;

Nunca viste Neptuno carrancudo
pendurar-se nas azas da procella,
roçar as cãs no ceu e em silvo agudo
dar por mortalha ao barco a solta vela?
Agora não o vês sereno e mudo
como a brincar na praia se ennovella?
Pois semelhante ao mar no mundo é tudo.
Resigna-te, donzella.

E tudo ha de acabar, o mar e o mundo.
Até do meu amor a intensidade
sumir-se irá no pelago profundo
da fria eternidade!

Eu escrevi—amor?! Fiz mal. É grego;
é grego para ti: peor,—sãoskrito;e tu nas linguas mortas não
dás rego.
Se um dia, por acaso, o pequenito
traquinas e cruel, alado e cego,
tentasse dar-te um golpe... era bonito!
Fugiria a gritar: *Armas que emprego
não entram no granito!*
Tu partilha não tens na dôce herança
dos anjos que voaram! Antro escuro
a tua alma será! Nenhuma esp'rança!—
nenhum extasis puro!

Como quando ao romper da rôxa aurora
deslisando na valsa doidejante
soltas da trança a rosa que descora,
de si te apartará n'um só instante
o louco turbilhão que te enamora.

Pallido o rosto, o seio palpitante,
ao ceu perguntarás na dôr d'ess'hora
se a morte vem distante!

O vácuo! a saciedade! o horror das trevas!
Ninguém ao pé da cruz no teu calvario!
Por só cortejo ao cemiterio levas
um padre mercenario!
Nem esse volta lá. Rezou, e a prece,
em mau latim, por bons tostões foi paga.
O fardo que largou mais não merece.
Recebe por adeus grosseira praga
d'um coveiro que o some, e breve esquece.
Grão d'areia que foste ao mar co'a vaga,
quem te busca depois? Quem te conhece?
Teu fim quem é que indaga?

Se é tempo, ó transviada, atraz teus passos!
Abre o teu coração. A fé te anime.
Não ha na vida mais estreitos laços.
Amor tudo redime.

Vêl-o-has dissipar a nevoa densa
que o teu dia transforma em noite escura.
Respeitada serás. Trarás, suspensa
de teus vermelhos labios, a ventura;
que eu não sei de ninguém a quem não vença
puro amor abraçado á formosura.
Serás mulher,—é essa a recompensa,
em vez de *creatura*.

Se mover-te consegue esta palestra
manda morrer o cão no Instituto; compra cartilha e pedra, e
prova á mestra
que vales mais que o bruto.

Depois reforma a tia. Irá na Graça
accender ao Senhor trezentos lumes
por tirar-lhe do lombo essa carraça.
Vê-se livre da espada de dois gumes
que a burra lhe sangrava, e na carcassa
vasto caminho abria a vãos queixumes.
Menina, já que estás co'a mão na massa,
reforma os teus costumes.

E como incerto é sempre o bem futuro
e póde arrepender-se o arrependido,
vae lá pondo, á cautela, no seguro
o nome do marido.

ALÉM DA CAMPA

(Imitação do hespanhol)

N'um povo, perto de Cintra,
foi o rev'rendo prior
em fria cova depor
o cadaver d'um pelintra
mesmo ao pé d'um seu crédor.

Apenas se viram juntos
por toda a vida sem fim
romperam n'um tal chinfrim
que, dizem velhos defuntos,
ser virgem um caso assim.
«Vossê pague! ai que vae torta!»
gritava o crédor.—Com quê?—
gemia o outro.—Não vê
que entrei nú aquella porta
porque nú me poz vossê?!—

E n'este rosar eterno,
n'este diz tu direi eu,
o crédor, que era judeu,
enreda o outro n'um inferno
como o inferno em que viveu.

Se em meu derradeiro instante
eu tiver crédor voraz,
permittle, ó Deus, se te apraz,
que por cá fique o tratante
p'ra que eu, morto, viva em paz.

A JULIO CESAR MACHADO

que em folhetim do *Diario de Noticias* dirigira ao
author phrases benevolas

Ó Julio, ó meu amigo, o que disseste?
Fallar em nós?! Fallar em mim?! Na peste
d'esse Parnaso ignobil de ha trinta annos?
Fui um asno sem tom, nem som, nem furo;
uma coisa p'r'ahi entre os humanos
como entre o trigo o joio; um insensato
cuidando toda a vida que o futuro
se faz sómente como o faz o gato
por noites janeirinhas, e o meninod'onde ha de vir ridente, e
róseo, e puro,
é da raiz... do verso alexandrino!
Tu verás, se viveres. O destino
se condôa de ti a tempo e a horas,
que eu já não temo nada. N'esta idade
quanto mais o doutor me põe escoras
mais depressa galopo á Eternidade.
No dia em que florir a ideia nova
nem restos ha de mim na escura cova.
Depois...

Pensando bem, ás vezes julgo
que não deve ser mau vêr estes numes
na faina redemptora! E, mais, o vulgo
já não crê n'outro Deus! Os bons costumes
vão apanhar por fim um São Martinho
qual nunca lhes foi dado... excepto em vinho
que embrutece a razão! Pois com certeza
leva uma *razzia* o Torres e o Cartaxo!

Ou bem que a gente é gente ou que é um cacho!
D'amor, que é velho, temos conversado!
Rua com elle! Amor é uma fraqueza.
É velho e cego, e não espera luas,
e quando lhe appetece faz das suas,
e são as suas d'elle o vil peccado!
Basta cortar-lhe bem a ponta da aza
e triumpha a moral. Rapaziada,
nunca mais andarás no mundo em braza
atrás da tua amada!
Mudei de metro como d'alimaria
muda Tinoco, o bravo, na tourada,
pois quanto em verso a fórma fôr mais vária
menor é a massada.

Calcule-se o porvir pelo presente.
Nós somos democratas;
e fique o ponto assente.
Noventa e tres é tudo quanto, em datas,
a Historia nos tem dado
mais nobre, e santo, e digno de imitado.

Amor... e guilhotina!
Luz d'uma aurora, d'um incendio chamma!
Mayonnaise de sangue e de doutrina!
Quanto o homem sublima e quanto o infama!
Noventa e tres e a França!
Eis o lemma, eis o exemplo, a viva esp'rança.

Anda tu cá, ó lemma, que te quero!
Dom Bertholdinho a dar-se um ar de Nero! Somos, sim,
democratas... á capucha;
Marats de sêda frouxa; uma chalaça
com Marselheza indigena,—a *Cachucha*.
Palavra! que tem graça!

Que o bom senso, tão raro! nos acuda;
nos tome um dia a sério!
Não ha Sebastião nenhum da Arruda,
suando phalansterio,
que não mande estampar nos seus bilhetes
armas ducaes, braços de pataratas!
Morremos por trincar a monarchia;
mas trincamos-lhe a ceia e os sorvetes
emquanto lá do ceu Deus não envia

novo maná... de instituições baratas!...
Uns typos! Bons, pacatos, sem ter odios
nem bombas... a não ser de Santo Antonio,
bombas de luxo, bombas só de estrondo;
indo buscar pretextos para brodios
a casa do demonio,
e quando os não achamos
nem dentro em nossa casa nem na estranha,
calçado a polimento o pé redondo,
vazio o coração, repleta a entranha,
vêr desfilar a procissão de Ramos.E n'este ambiente, em pleno
Rilhafolles,
no ardor da Saturnal, sonhaste, ó Julio,
que um velho gordo, com as carnes molles,
sem ter outro peculio
além do rheumatismo, sertanejo,
viria em *petit-maitre* dar aos folles
do outr'ora enamorado realejo?

Desde que o maganão do deus Cupido
não tem na aljava setta que me fira,
passou-me do sentido
tudo quanto em rapaz tanto sentira.
Rabisaltona musa é hoje em dia
quem me ampara e conforta, e quem me inspira.
Quando fugir, morri. Outra alegria
qual te foi dada a ti, sol na velhice,
conceder-m'o não quiz quem bem podia.
E fez uma tolice.
Eu sei se a fez, ou não; modestia á parte.

E só para dizer-te uma palavra
d'affecto e gratidão moí d'est'arte
a tua paciencia! Antes do Lavra subisses a calçada,
ou lesses uma peça premiada.
Era muito, bem sei; mas era menos.

Obrigado, meu Julio. Isto, em resumo,
devera ter escripto. O mais é fumo.
Deixa-o seguir no espaço o ignoto rumo,
e dá saudades minhas aos pequenos.

DIES IRAE

É novembro, e faz um frio!
Eu então é que ando em braza!
Pudera! se o senhorio
me pede a renda da casa!

Réles cobre em vão recruto
no lidar da vida insano.
Desertam n'um só minuto
as vis poupanças d'um anno.
Embora á carne dê tratos,
á velha carne exigente,
deixando passar os pratos
sem pôr nos piteus o dente;

Embora esguia quinzena
traga já no extremo fio,
e cóрте a rara melena
só pelas calmas, no estio:

Não coalha esta formiga
nem grão, nem sequer paveia!
Sempre na mesma fadiga,
enche... vasa... o pé da meia!

Sob o teimoso aguaceiro
de tanta renda de casas,
depennado, em meu poleiro,
metto a cabeça nas azas.

Cança o sorrir da ventura;
o rigor da sorte cança;
só por entre o que não dura

vae sempre durando a esp'rança.
Eu espero a moradia,
onde de graça me acoite,
no seio da terra fria;
nas sombras da infinda noite!

Ao menos no eterno gelo,
nos fundos antros escuros,
não terei por pesadêlo
meus senhorios futuros!

Um é Deus: a esse um amigo
satisfaça em padre-nossos.
Outro é o verme: eu cá o espigo
dando-lhe em paga os meus ossos.

O MEU TINTEIRO

Era em agosto. O norte, desabrido,
mugindo como um toiro, sacudia
os troncos do arvoredor. Ia-se o dia:
um dia d'amarguras tão comprido
que eu cheguei a pensar que a Eternidade
nas chamas infernaes já me envolvia!
Por meu mal terminou! que um outro veio
depois d'aquelle, e foi peor mil vezes! A minha irmã, á dôce
companheira
da longinqua, saudosa mocidade,
coubera, nova ainda, a feliz sorte
de ter, após tres longos, tristes mezes
d'um filho haver perdido, achado a morte.

Antes d'ella expirar, á cabeceira,
em torno do seu leito, se agrupára
tudo quanto durante a vida inteira
fôra por ella amado, e tanto a amára.
Eu, fingindo sorrir, assim dizia:

«Agora estás melhor. No rosto as rosas
da antiga primavera! Olhos em fogo!
Uns olhos como d'antes! Vês, Maria,
que estás melhor agora?! Em desafogo
respira o peito já! Estas nervosas
dão vontade de rir! Que espalhafato!
Um cortejo de coisas! Raça estranha!
Por isso o outro fez com que a montanha
dêsse, aturdindo a terra, á luz um rato!
Vae a galope a enferma que melhora.
Ámanhã, ou depois, saltarás fórad'essa importuna cama. O que te
cança

é ter o corpo ahi. Vamos a Piza
passar o inverno todo. Allí serenos
são sempre os ceus. Allí tepida a briza
dá vida a um velho! Então a uma criança!

«Tontinha é o que tu és! que estás chorando!
sem que saibas porquê, aposto, ao menos!
Iremos todos, grandes e pequenos!
Quasi uma romaria, um cirio, um bando
d'alegres passarinhos chilreando
por essa Europa além! Tu, pregoando:
Quem quer saude? Quem? Vende-se e dá-se! irás distribuindo, co'a
mão cheia
d'essas papoilas, um *bouquet* vermelho
que pouco e pouco a desbotada face
ha de tingir-te e... até fazer-te feia!»

—Iremos todos, sim!—fraca, tossindo,
a pobre interrompeu:—Sim!... Vamos *indo*.
É então amanhã que eu d'aqui saio?
Depressa amanhã vem! Dá-me esse espelho.
Se tu não mentes devo estar um Maio!—Mirando-se, volveu:—A
minha pena
é que... *ellas*... me não vejam n'este instante
em que finda a comedia e deixo a scena!
Se eu não soubesse que este mundo é um sonho;
se trouxesse o meu Deus de mim distante;
como este despertar fôra medonho!—

Depois foi repartindo as suas prendas
por quantos eram lá.

—A ti... primeiro.
Lego-te... dou-te... aquelle meu tinteiro.
Tu fazes versos. Sei que não te emendas;
sempre te serve aquillo!—

Desde ess'hora,
e já lá vão cumpridos bons trinta annos,
quando me engano a mim n'esses enganos
da musa brincalhona, raro mólho
a penna folgazã que me não traga
nos bicos uma lagrima.

Ai!... Eu ólho...
aos abysmos do mar pergunto: «A vaga,

que eu vi sumir-se, onde é?»

E o mar afaga
a praia em que a deixei, e vae-se embora,
e volta, e vae! mas não responde; chora.

A VENUS NOVA

Não, Rachel, não desvario.
Venus, o estylo é antigo,
os seus dotes repartio
bem largamente contigo.

Deu-te esse corpo divino!
esses seios palpitantes!
Fosse eu inda pequenino
e tu minh'ama! Que instantes!
Por ser branca e por ser loira
tem o loiro em menos preço;
por isso te deu da moira
o negro cabello espesso.

Chega aos olhos... De repente
vê que não tem na palheta
côr nenhuma refulgente
para imitar um planeta.

Corre logo á fonte limpa;
e procedeu com acerto
que em ocios não se repimpa
quem se encontra em duro aperto.

«Ó dôce noite», ella exclama.
«Tu tens estrellas a esmo.
Duas quero em rubra chamma,
quasi soes; dois soes. É o mesmo.»

A Noite, que é velha fina,
e foi sempre a Venus dada,
responde:—Minha menina,

só para a outra fornada.—
«Pois ao forno! e já! que eu pago!»
A Noite, ouvindo-a, lampeira.
A estrada de São Thiago
deitou logo na caldeira.

Fogo ao lado, e fogo ao centro!
Quando a fervura era viva
o sete-estrello p'ra dentro!
e folhas de sensitiva!

Ao cabo de poucas horas
em duas orbitas fundas
despejou duas auroras
com que est'alma em luz inundas.

Venus pulou de contente;
mas depois... (que são mulheres!)
disse á outra em tom plangente:
«Adeus!... O que tu quizeres!...

«Fizeste-a fresca! Eu reinava.
Era no Olympo a mais bella.
Passei de rainha a escrava.
A Venus agora... é ella!»

O LOBO E O CÃO

Traducção da fabula de Lafontaine—LE LOUP ET LE
CHIEN

Não tinha um lobo mais que a pelle e o osso.
Signal é que de orelha arrebitada
bem vigilante andava a canzoada.
Encontra o lobo um dógue forte, grosso,
nutrido, luzidio, uma belleza!
que distraído abandonára a estrada.

Sorri-lhe a nedia preza!
Saltar-lhe logo ali, fazêl-a em postas
o seu desejo fôra. Dura empresa!
A lucta era infallivel. Voltar costas
não usam perros quando são valentes,e, mais, os brutos! dão ás
vezes cabo
do fero contendor! Diabo!... Diabo!
Então aquelle, com aquelles dentes!

*

Humilde o lobo, pois, encolhe a cauda;
chega-se ao cão; abaixa-lhe a cabeça;
puxa conversa; diz que folga em vêl-o,
que deixe que elle admire, que elle applauda
topal-o assim... e com tão bom cabello!...
e rijo! e gordo! Um frade! Uma abbadessa!

«Esplendido senhor»,—o cão responde;—
«de vós depende o ter igual gordura.

Fugí dos bosques, onde
por teima da desgraça
de fome e frio só achaes fartura,
vós, senhor lobo, e a vossa pifia raça.
Dias e dias sem comerem nada!

e lá por festas, raras, esquecidas,
um petisquinho conquistado á espada,
tragado ás escondidas!

Ahi é certa a morte! Furtae-vos a seus braços!

Seguí... seguí meus passos;
tereis outro destino e melhor sorte.»

—Mas como?—volve o lobo.

—Fazer então que devo?—

«Bagatella:

nem morte d'homem nem de egreja roubo;
simplesmente estas coisas: não dar tregoa
á santa gente rôta, mendicante,
bordão n'uma das mãos, n'outra a tigela,
que vem inda a distancia d'uma legoa

e já tresanda a essencia de tratante.
Lamber as mãos ao dono; ser submisso...
dar cóca, é o termo proprio, ao dono e a todo
quanto bicho careta houver em casa.
Salario apanhareis que vos apraza:
ossos das aves, rodas de chouriço,
restos vindos da mesa, e tudo a rôdo!
Até uns tagatés em cima d'isso!»

*

Tendo prestado ao cão attento ouvido
o lobo, coitadinho!
com perspectiva tal enternecido
não tugiou nem mugiu, mas fez beicinho.

*

Iam caminho já do povoado
quando o lobo notou que no pescoço
o cão era pellado.
—Que tens ahi?—pergunta em alvoroço.
«Nada, que eu saiba.»
—Nada?!—
«Frioleira.»
—Mas afinal o que é?—
«Ora!... A colleira
com que á noite me prendem junto á porta...»
—Prender-te?!—o lobo exclama.—Não saes fóra,
não corres livre pela terra inteira
quando te dá na gana, e a toda a hora?—
«Nem sempre. Isso que importa?!»
—Tanto importa que toda a trincadeira
com que me acenas, um thesouro embora,
por tal preço não quero.—
O lobo finda;
põe-se logo na perna, e corre ainda.

DEUS E O AMOR

(1870)

No ceu, cabisbaixo, o Amor
um d'estes dias entrava.
O pobresito levava
impressa no rosto a dôr
e as settas todas na aljava.

Ao vêl-o o Eterno exclama:
«Que vens tu fazer aqui?!»
—De Lysia, meu Deus, fugi
porque lá vivo da fama;
os meus freguezes perdi.
Busca a moça um noivo rico
sem lhe importar nada mais.
São fumo as paixões e os ais;
pintos, nina. Apanha o mico!—lhe bradam os proprios paes.

Por isso, feito o consorcio,
sae da egreja o par fiel,
e o noivo compra papel
para requ'rer o divorcio,
passada a lua de mel.

Torto já, e á vara larga,
o fino *dandy* seduz.
O mais que faz o lapuz
quando em finezas se alarga
é roncar: *Que tal te eu puz!*

Do patrio amor todo o fogo
traduz-se no *venha a mim*.
Quem faz d'um jornal pasquim,
sem trunfos entra no jogo
e sae-se trunfo por fim.
Bellini foi-se!... não presta.
Da harmonia a nata, a flôr,
veio encontrar successor
no *Fado*, que é o rei da festa,
o canto que faz *furor*!—

A virgem martyr Cecilia,
ao ouvir blasphemia tal,
ataca o *si* natural,
e, pedindo um chá de tília,
cae em deliquio mortal.

Sem reparar no que passa
soluça o Amor e diz:
—Murcha pende a flôr de liz.
Jaz prostrada na desgraça
a patria de São Luiz!

O Krupp a morte semeia
de Sarbruck até Sedan,
e París, a cortezã,
nas garras da fome aneia!
Que serás, França, ámanhã?!
Pois n'estes dias sombrios
a velha Europa sagaz,
cuidando ter um antraz,
fez ataduras e fios
em vez de fazer a paz!

Lisboa, toda vergonhas,
e orgulhosa, e esmoler,
atrás ficar-lhe não quer
e desata a fazer *monhas*;
mas fios, nem um, sequer!

Acima da humanidade
ha n'esse bom Portugal
o novilho e o boi real.
A dôce fraternidade
anda nos paus do animal.

De meu seio a pura chamma
deixa, ó Deus, arder aqui.
De Lysia a correr fugi
porque lá já ninguém ama
nem mesmo, Senhor, a ti!
Nem mesmo! que sem respeito
tonsurado berrador
troveja em voz de Stentor,
batendo murros no peito,
que o teu braço é vingador;

Que ao reino teu infinito,
á mansão da eterna luz,
tua mão, Senhor, não conduz
quem fez o enorme delicto
de ignorar que houve Jesus;

Que tu, meu Deus, que és o forte
que destruiu Jericó,
que és a Justiça... tu só,
habitas n'aquella córte;
encarnas no immundo pó!

E para acabar o quadro,
para lhe dar mais unção,
afoga o impio sermão
junto á cruz que está no adro
em ondas de carrascão!
No templo teu, Pae divino,
apparato theatral!
Em redoma de crystal
vestido Jesus Menino
de *chéché* do Carnaval;

E o alvo lirio, Maria,
a pura depois de mãe,
caracoes e rolos tem
como usava a minha tia
quando ia ao Paço em Belem!

No altar-mór o scenario
que effeito fazendo está!
Pallida a lua... acolá!...
Além a cruz... o Calvario...

Fóra, author! Bravo, Rambois!^[1]
Na nave central-cavaco;
e no côro, ai! pobre fé!
latagões côr de café
uivando dentro d'um sacco:
—Sou o Barba-Azul! Olé!—

A catholica Judêa,
o christianismo pagão,
ousa mais! Põe em acção
do Homem-Deus a epopêa
na sensual procissão!

Às enfeitadas janellas
corre a curiosa avidez.
Fazem cauda. Esperam vez
como se elles e ellas
fossem vêr um entremez!

Depois começa o serviço.
Olho aqui... e olho lá...
no seu *tudo*, e no papá
que embirra co'o tal derriço
por andar no *b-a-ba*.
Namorando as carnes núas
do que vae no floreo andor,
outras dizem:—«Salvador,
se todas são como as tuas
quem não será peccador?!»

Emquanto se eleva o incenso
na caprichosa espiral,
o garoto, essa vestal
dos vates de hoje, no lenço
faz mão baixa e no metal.

E, manso, por entre o grupo
da ondulante multidão,
serpenteia a procissão.
Rumoreja em torno o apupo.
Consternam-se alma e razão.

Que brutos cêpos são esses?
Vae Deus ali? Christo nú
posto a par do *manitú*,

homens dos torpes int'resses,
filhos glotões de Esaú?!...
Tartufo os impetos doma.
Vive agachado o chacal
a espreitar se o olhar fatal
de Philippe á voz de Roma
lampeja no Escurial!

Fiar n'elle!... O incendio lavra
occulto. Na escuridão
forja de novo o grilhão
á consciencia, á palavra,
a satanica legião.

Em teu nome o lar deserto!...
O pranto manando a flux!...
Morta a esp'rança! Extincta a luz!
e da cruz contra o liberto
mudada em punhal a cruz!—

Largamente aqui respira
sêcca a lingua e falta de ar,
que o terno Amor, a fallar,
não é como os de Tavira:
—dá-lhe... dá-lhe até 'stoirar!—
Mas, depois, como o Vesuvio
irrompe. Ao rosto gentil
assoma a raiva, e febril
bate o pé; grita;—um diluvio
manda ao infame covil!

Outro diluvio! incessante
a subir... subir... até
que não fique nada em pé!
nem possa nenhum farçante
fazer arca e ser Noé!—

Deus, que os seus ouvidos presta
às queixas que Amor lhe faz,
sorri e diz: «Ó rapaz,
um *T* escripto na testa
porventura me verás?

Eu dei-lhes a lei sublime
nas alturas do Sinai.

Se contra a lei, contra o pae,
conspira Lysia—no crime
do crime o castigo vae.
Triumpho o Milhão, e Hero
não houve mais que uma só?
O Crespo do ouro em pó
a flauta fará de Nero,
e da flauta um bom cipó.

E se os maridos, tontinho,
fugindo ás esposas vão,
deixa-os lá. Por fim terão,
em vez do calor do ninho,
os gêlos da solidão.

A vida passa ligeira;
e, quando a morte vier,
qual d'elles é que não quer
dôce oração derradeira
entre beijos de mulher?!

Ai!... Acabar longe d'isto!...
sem perdão!... sem paz!... e meu
sem ser nenhum!... Galileu,
tu que fizeste?... Ó Christo,
teu sangue que fructos deu?!...
Fiz de ti a rósea aurora
da universal redempção;
inda após o teu clarão
o Deus cêpo é o Deus que adora
a proterva multidão!

Pois para amar-me é preciso
mais que os olhos alongar
pelos ceus, por terra, e mar?
mais que o pallôr indeciso
d'uma noite de luar?!

Pois n'esses milhões de mundos,
que girar no espaço fiz,
não falla tudo? não diz
em seus canticos jucundos:
—Senhor! Senhor, existis?!—

Erriça o leão a coma?

Nas sombras do Escurial
ergue a pedra sepulchral
de Filippe a astuta Roma?...
Erga!... e surja o rei fatal!...
Antro, e fera, e vil Tiberio,
tudo no pó sumirei!...
que dos reis eu sou o rei,
e as chaves do meu imperio
a mão nenhuma entreguei!

Perdes o tempo, creança!
Se o perdes, meu doido Amor!
Sei quanto és enganador!
quanto és feroz na vingança
e folgas da alheia dôr!

És vendado, és cego, e ousas
como se visses fallar?!
Pois has de á terra voltar.»-
E o pae de todas as cousas
foi-lhe os olhos desvendar.

Então o dôce fedelho,
tão dôce como cajú,
repara em si... vê-se nú...
faz-se azul... faz-se vermelho
como um monco de Perú.
Depois a fugir desata
pelas ethereas regiões.
Atraz d'elle as maldições
de quanta velha beata
foi ao ceu... por alçapões.

Que o ceu que estamos mirando
occultas entradas tem,
e sem fiscal! Inda bem.
A não ser por contrabando
já lá não entra ninguém.

Vôa... vôa... É mesmo um raio
rapido o espaço a rasgar.
Vôa... Á força de voar
perde o alento, e n'um desmaio
vem no chão co'as azas dar!

N'essa noite a authoridade
metteu, zelosa qual é,
o menino em São José;
mas ninguém crê na cidade
que a sciencia o ponha em pé.
Quem tem os dias contados
mais viver não póde, não.
É do amor finda a missão
dês que os fundos, bem cotados,
valem mais que o coração.

[1] Pronuncie *Ramboá*.

ENTEADA

Casou segunda vez certo sujeito
que sempre á viuvez torceu a cara.
Deixára-lhe uma filha o velho leito,
e mimo equal o novo lhe offertára.

Quando eu as conheci, uma era forte,
córada, alegre, brincalhona, viva;
pallida a outra, triste, pensativa,
como quem traz em si a dôr e a morte.
Das duas a mais nova, a que é sadia,
a lapis, n'um papel, graciosos traços
d'um corpo de mulher hontem fazia.
No fim as palmas bate, e, erguendo os braços,

«Olha a mamã!» gritou, «De longe basta...
basta vêl-a d'ahi!... Não será ella?»—
Volve-lhe a outra em voz que o sangue gela:
—*Agora pinta lá uma madrasta!*—

Miserrimos poetas que nós somos!
Por mais inspiração que nos abraze,
por mais phantasiar tomos e tomos
não valem juntos, não, aquella phrase.

N'UM ALBUM

Por essa existencia fóra
nosso caminho é diff'rente.
Eu vou por onde se chora;
tu por onde canta a gente.
Tu chegas; tu vens agora;
tu sobes qual sobe a aurora;
eu, tal qual o sol poente,
desço... desço!... Vou-me embora.

RAPHAELA

I

Era em março, e a Folia,
dando o braço ao Carnaval,
entrava em *Dona Maria*.
Não sei que idea fatal
me levou também á festa.
Sei que fui. Sei que vestia
dominó côr de giesta,
e que a mascara, que ao rosto
trago presa todo o dia,
eu trocára, ébrio de gosto,
por outra que não mentia.

II

Ia a noite em mais de meio
quando os pés na sala puz.
Os gritos, a dança, a luz
que os novos encanta, e creio
que mais os velhos seduz,
tocaram-me o coração
por tão estranha maneira,
que a não ter ali á mão

as costas d'uma cadeira,
dava co'as minhas no chão. Persuadiam-me que a Sorte
quer que o homem seja igual
sómente perante a morte,
e vi eu que o Carnaval
tinha o mesmo poder forte!

Junto a mim o sôr Sovela,
disfarçado em lord inglez,
trata por *tu* o freguez,
que n'outro *tu* se nivela
com quem as botas lhe fez.
Ao longe o sujo vadio
que, para impingir á gente
um bilhete do *Pão quente*,
corre a Baixa e o Rocio
dando *Excellencias* a rodo,
agora vestido á turca,
turca por dentro elle todo,
grunhindo sem tom nem som
paga depois da mazurka
ponche ardente a quem tem *Dom*.
N'aquelle canto escondido
o calvo e gordo marido
ás moças falla d'amor;
e como deve o traidor
pela traição ser punido, n'outro canto anda a mulher
a brincar co'o deus Cupido...
dê o brinquedo o que dér!
Cada flôr, rosa ou jasmim,
com seu calix entreaberto
embalsama este jardim,
e ás abelhas que andam perto
como que as oiço dizer:
—Oh! Bebei dôce prazer
que rendida vos offerto!—

Isto é vida! Isto aqui, sim!
que a humilde e santa igualdade
o mundo mergulha emfim
no sol da eterna verdade!...

III

«Boas noites, dominó.»

—Só isso me dizes?—

«Só.

—Pois desde já te requeiro
que amanhã fiques na cama,
e manda o teu travesseiro
dar umas voltas por cá.

Na chalaça, no epigramma,
as lampas te levará.—«Quem de espirito é tão fino
devêra ser mais cortez.»

—Vestiu-se de peregrino
a cortezia...—

«Talvez

d'essa longa romaria
a que foi não voltaria!»

—Assim parece. Não vês?!

IV

Quem me descobre a razão
d'esta infame grosseria?...

Consultando minha tia,
disse-me ella:—És um ratão!
Coisas tuas!...—

«Coisas minhas?!

Ora essa!»

—De quem são?

Se teu pae sem ter gallinhas
te deu boa criação?!—Mais ainda me condemna
ser a mulher que offendi
segunda Venus de Milo!
Que remorso o que eu senti,
e que nó no gorgomilo,
quando, absorto, o que era vi!...

Que ao fallar olhei... Por Christo!
juro que olhei sem ter visto.

V

Como usa a formosa filha
da formosa Andaluzia,
sob a elegante mantilha
pelos hombros lhe caía
de negro e farto cabello
a madeixa ondeada e crespa. Na cinturinha de vespa...
Alto lá! De vespa, não;
que é corriqueira a figura
e tola a comparação.—
A cintura... Se lhe chamo
só delgada—aqui d'el-rei!
porque é prosa. Ah! Já sei.
Delgadinha como um ramo
que sustém duas laranjas...
E da voz os sons tão finos
com que os hei de comparar?
Com voz d'anjos pequeninos,
travêssos, loiros, meninos
que andam no ceu a cantar,
aos quaes não tira o chapéu
este pobre filho d'Eva
emquanto Deus o não leva
a conhecel-os no ceu?!...
Impossivel!... Pois com quê?...

Deixe-se lá d'essas franjas,
ruim poeta! Você
não sabe que a natureza
faz coisas de tal bellezaque um homem, se logra vêl-as,
ha de pasmado ficar,
e pasmar... pasmar... pasmar;
mas não tentar descrevêl-as?!

VI

Qual a tímida gazella
que no prado anda brincando
estremece e foge quando
sente rumor perto d'ella, assim Dona Raphaela...
Podia chamar-lhe Jónia,
Mathilde, Elisa ou Antonia.
Era o mesmo. Á mulher bella
todo o nome fica bem.
Toma-lhe a graça, a frescura:
participa da candura
de su'alma... se é que a tem.

Que a minha airosa andaluza
como a gazella fugio,
se o não disse a casta musa
que me inspira, o leitor pio
(não ha *calemburgo* aqui)
certo de si para si
a crêl-o não se recusa;
mas o que o leitor ignora
é que eu proprio, eu que ind'agora
lhe dissera: *Vae-te embora*,
ao vêl-a fugir fiquei
triste, só, desamparado
como o valido d'um rei
quando cae em desagrado!...
Ai! se o pensamento é vário
mais varia o coração.
Coração—Contradicção—
affirma-me o diccionario
que dois synonymos são.

VII

Amar depois que trinta annos
nos pesam sobre o cachaço;
quando os frios desenganos
guias são do incerto passo
que nos vae levando á campa;
quando a idade a correr vem
e nas faces nos estampa
oitenta rugas, ou cem!
amar sem crenças; amar
sem possuir attractivos;
é padecer, é penar
dôres do inferno entre os vivos.
Sabia-o; mas se fadado
fôra eu já para essa dôr!
e diz Garrett, o doutor
em taes materias versado,
que ninguem foge ao seu fado!
Funesto foi sempre o meu!
Est'alma, que Deus me deu,
em quantos affectos nutre
que devorou Prometheu!.

VIII

Da rósea estancia em que mora
com seu limpido clarão,
sorrindo, ao ceu vinha a aurora
soltar do prégo as azelhas
d'onde pende a escuridão
sobre chaminés e telhas.
A festival harmonia
pouco e pouco esmorecêra;
e co'a luz do novo dia
d'outra oschestra a afinação
mais altos cantos rompêra,
pois que entre os rocios do orvalho
levantára escopro, e malho,
um hymno de gratidão
ao Deus, author do trabalho.

Este aranzel, espremido
n'uma phrase clara e chã,
quer dizer:—era manhã,
e a solfa dos caldeireiros
matava o bicho do ouvido
na rua Augusta aos parceiros.

IX

Cheguei a casa. Quem ama
tambem dorme o seu bocado;
nem ha nada como a cama
para amor ser bem tratado.
Vêde as ratices do mundo!
Sentados no mesmo throno
amor, que é vida;—e o somno,
que da morte é irmão segundo!...
Em tão doloroso trance
é praxe no bom romance
surgir a pallida insomnia
beliscando a cachimonia
do que ás paixões não se poupa;
mas eu, que sigo outra lei,
fui-me enroscando na roupa,
e dormi. Fiz mais: sonhei.

Sonhei, sim. O que é sonhar?
É fugir do captivoiro
d'esta bola sublunar.
A noss'alma, que gemia
entre os ferros, encontrar
a paz, o amor, a alegria,
vivo, real, verdadeiro,
o mundo da phantasia.
É n'um divinal momento
conquistar, possuir, haver
o que nunca o pensamento,
por mais audaz, ousou crêr

que um dia á mão nos viria.
Sonhar é vêr palpitante
a toda a luz da existencia
o pae, os filhos, a amante
que a morte apartou de nós!
Ouvir-lhes a dôce voz...
interromper essa ausencia
eterna, a eterna saudade
que nos deixára o perdêl-os!
Sonhar é esta piedade
do ceu pelas nossas dôres;
esta mão cheia de flôres
que Deus esparge nos gelos!—
Tudo mais são pesadelos.

Pois eu sonhei, e não digo
o sonho que tive então.
Não por ser segredo, não,
que á terra desça commigo;
mas quem tem, como eu, vergonha,
mesmo ao leitor seu amigo
nem sempre diz o que sonha.

X

No outro dia ao almoço,
frugal almoço invejado
ao pobre e triste empregado
a quem aos mezes o Estado
permittê rilhar um osso,
muitas vezes esbrugado;no outro dia a Gertrudes,
velha magra, feia, teza,
inda cheia, á portugueza,
de calvas e de virtudes,
as quentes papas de milho
veio pôr-me sobre a meza.

A mim a quem nada escapa
logo ali me deu no gôto

O vêl-a andar n'um sarilho
a peneirar-se, e á socapa
sorrindo com ar garôto.

—Gertrudes, que historia é esta?—
E ella a rir.

—De que ri?!...—
A rir-se mais.

—Temos festa!
Vae grande baralha aqui
se me não diz, como quero,
porque essa bocca escancára,
e se desengonça, e rebola...Ella, atalhando:
«Salero!.
Soy, señorito, española!»

Figurem-se a minha cara!!
A visão, a Raphaela
com quem ha pouco sonhára.
o bello typo andaluz,
a flôr de um dia... era ella
saída das mãos do Cruz! [2]

XI

A moral d'este meu conto
implica artigos de fé:

1.º

Quem vê masc'ra não vê rosto.

2.º

Belleza vista de dia
dê-se-lhe sempre o desconto
de trinta por cento em cré.

3.º

Depois do sol se haver posto
até a Virgem Maria
precisa ser vista ao pé.

4.º

Mesmo assim, inda que perto,
não se diga nunca ao certo
que se está longe da Sé.

[2] Guarda-roupa.

AS MINHAS MEMORIAS

Á Exc.^{ma} Snr.^a D. A. F. Pinto

Nasci. Vivi. Foi meu cruel destino
ser inutil, vulgar, enquanto moço.
De dôr em dôr, cansado peregrino,
chego á triste velhice sem conforto.
Nunca pude saber o que era tino,
como a bolsa não soube o que é *caroço*.

Quando voltares hei de ser um morto.

ESTRELLA CADENTE

Ella não tinha ainda os seus vinte annos.
Eu já cincoenta, ou mais. Poucos enganos
podia haver na conta. Trouxe-a ao cóllo!
Não fôra um pólo em frente do outro pólo;
mas, inda assim, contando-se este caso,
dir-se-ia ao certo: Era uma vez o Occaso,
e era uma vez a Aurora...
n'um bello dia, por ser vedado o pomo,
por ser appetitoso, finalmente
não sei porquê!... por eu ser um demente...
por ser ella o retrato da que é morta...
fosse lá porque fosse!—Isso o que importa
n'um bello dia—amei-a!... Uma doença
que a gente apanha quando menos pensa.

Não sei como

*

Sorriam de piedade os meus amigos
todos á uma, e os novos e os antigos.
Nas salas bichanava-se em cochichos:
«Ora, o ginja! aparando inda os esguichos
com que o *bisnaga* amor! Atraz da pomba,
o perfido lacrau!»

Deitavam tromba
os outros pretendentes. Um barulho
por nada. Então porquê?! Por um arrulho?...
Um simples suspirar?... Pois que mau era
brotar-me em pleno inverno a primavera?...Durava pouco?...
Tanto quanto dura
em toda a terra tudo o que é ventura.
Engeita-se por isso?...

A minha idade?!

Fui de Mathusalem socio e confrade.
Adão dizia ao vêr-me: *Olá, compadre!* Contemporaneo eu sou do eterno Padre.

Não ha mais nada acima. Querem isto?...
O Padre, o velho, foi mais tarde o Christo.
Ondas d'amor jorrou d'aquelle peito.
Remiu. Salvou. Pôz termo ao longo pleito
entre as trevas e a luz, e, porque vinha
em nome só do amor, annos que tinha
ninguem lh'o perguntou.

Sinceramente:
ha rugas dentro d'alma?!...

*

Impenitente

morrera n'esta fé; sobre o Evangelho
jurára que mais ama o que é mais velho; se o ponto da questão, o
delicado,
outro não fôra; um velho ser amado!
Aqui é que me dóe!

É necessario

primeiro formular um questionario.
Menos se quer á flôr, menos se trata,
por ser de argilla o vaso e não de prata?
Aqui... além... embora onde estiveres...
não és, ó flôr, a mesma?... e das mulheres,
—não digo já de todas; mas d'algumas—
igualmente o *boudoir* tu não perfumas?...
Não busca asylo a crença, a christandade
não presta o culto seu á Divindade
no templo secular, de negro aspecto,
humida arcada, abobadas por tecto,
como na alegre ermida redourada,
quente aos raios do sol, sempre inundada
de jubilos e festa?!... Amor travêso,
só por vêr para dentro, vê do avêso?

*

Não te illudas, ó louco! A Providencia
dependente do amor fez a existencia. Para estímulo a amor fez a
belleza,
o viço, a força, quanto com certeza
tu já não tens. Por isso no concurso

aos vagos corações a pelle do urso,
a penna luzidia do bom pato,
dão por si preferencia ao candidato.
Esta a verdade crua. O sentimento
depois é que se faz. É-lhe fermento,
é mister que primeiro insuffle a arteria,
e n'ella o sangue injecte, a vil materia.
A bocca, um pé, a guia d'um bigode
mais que as almas em fogo sempre póde.
E tu não valsas!... tu não tens bocca
o *argot* da moda, a phrase insossa e ôca!
Por mais *ciré*, torcido, repintado,
que o teu bigode vá... bigodeado
és tu que ficas, velho! a torto e a esmo!

Justo e fatal!... Fatal e justo é o mesmo.

No chão não rojes teus cabellos brancos
n'um desespero ignobil! Para arrancos, para entrares no inferno
como o Dante,
a dôr da tua cólica é bastante.
Outras não queiras, outras não procures
improprias já de ti. Não; em nenhures
rejuvenesce o Fausto; e, dês que ha mundo,
quem disse um velho—disse um moribundo.

*

Ella não tinha ainda os seus vinte annos.
Por não tel-os vivia n'uns enganos
que eu não devia ter nos meus cincoenta.
Distraída commigo olhou attenta
para um moço qualquer. Nem eu me lembro
do nome d'elle já! Era em setembro.
Isso sei eu. Que noite!... Estou a vêl-a!
Ultima noite azul!... Rasto d'estrella,
curva de luz nos amplos ceus cadente, illuminar-nos veio de
repente.
Ella assustou-se, e disse: *Dieu te garde!*
Pouco tempo depois, horas mais tarde,
tal qual a estrella, em rapido trajecto,
no mundo novo entrou d'um novo affecto.

AO ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

que, na sua officina de sapateiro, mandára fazer
para uso do author umas botas impermeaveis

Boas botas com effeito!
Ha que tempos que te eu digo
que, de pequeno, o teu geito
é ser sapateiro, amigo!
Afóra o bico da moda,
que é moda o *bico* hoje em dia,
quem da terra andasse á roda
mestre assim não toparia.

E lá no mar,—tens ratices!—
com ellas por sobre as ondas
anda a gente como Ulysses
nas aguas das Trabisondas.

O povo grita: Milagre!—;
teus filhos:—Estamos salvos!—;
e tu com graxa e vinagre
vaes enganando os papalvos.

Queima a Sciencia as pestanas
buscando o que seja aquillo;
e nem passadas semanas
conclue que é sebo de grillo!
Tu proprio chuchas no dedo,
avis rara, ó raio d'ave;
pois ao fechar teu segredo
perdeste-lhe o tino e a chave.

Seja qual fôr teu systema,
graxa só ou graxa e sebo,
eu, indigena na gemma,
applaudo o que não percebo.

De tão prodigioso invento
só entendo, e não é pouco,
que ou me saíste um portento
ou és rematado louco!

Mas que importa qual diploma
um lugar nos dá na Historia?
Toda a estrada leva a Roma.
Por atalhos vae-se á gloria.
É certo que ao fim da vida
a luz do provir é tua:
luz accêsa sem torcida!...
porta aberta com gazua!—

Vê quanto o sec'lo é fecundo!
Vê; regista em tuas notas.
Em poucos annos ao mundo
botou dois homens das botas!

ÁS RÃS PEDINDO REI

Traducção da fabula de Lafontaine—LES GRENOUILLES

Viviam certas rãs n'um charco immundo
em republica plena. Era um pagode!
Tal qual uns democratas que ha no mundo
julgando que a republica, no fundo,
outra coisa não é senão a gente
fazer o que bem quer e quanto póde,
a rã tripudiava impunemente. Todos os dias era certo o choque
entre o batrachio forte, intransigente,
e parte da nação já descontente
que a Jupiter pedia ou rei ou roque.

O deus fez-lhe a vontade.
Largou-lhe lá do ceu um rei pacato,
de summa gravidade.

Das alturas tombando, o rei na quéda
fez tal espalhafato,
que as fêmeas em pavor, os machos fulos,
aquellas saltitando, estes aos pulos,
como é uso das rãs nas grandes crises,
cada qual a gritar:—arreda! arreda!—
entre os juncaes, no lôdo, nas raizes
dos salgueiraes se enreda.

*

Por longo tempo em seus esconderijos
das rãs esteve homiziado o povo.

Transformaram-se em medo os regosijos
da antiga bacchanal. Gigante novo
cuidavam ser o rei que o ceu lhes dera.
Não ousavam sequer sair da tóca;
pois, não raro, os instinctos maus da fera
por imprudente a presa é que os provoca.

Já n'essas eras muito a pêllo vinha
dizer: *Cautela e caldos de gallinha...*
O rei era um pedaço de madeira.
Nem mais, nem menos.

N'uma bella tarde
uma das rãs, por ser menos covarde
ou mais bisbilhoteira,
tirou-se de cuidados, manso e manso
na flôr das aguas surge, e ás guinadinhas
com muito tento e geito
do cêpo se aproxima. Após ella vem outra... e outra... aos
centos.
Vendo que o rei não sae do seu ripanso,
rodeiam-no; coaxam: *Salta acima!...* e coaxado e feito!...

O rei, temido outr'ora, ás pecuinhas
d'essa chusma villã se vê sujeito.

Em rapido momento
sobre elle a malta audaz se encarapita,
e faz do bom monarcha um bom assento.
Nem chus nem bus! Calado que nem porta,
qual fôra n'outros tempos!...

Isto irrita.

Rompem as rãs então n'uma algazarra
que o pantano atordôa,
os fios d'alma a quem as ouve corta.
«Leva d'aqui, ó Jove, esta almanjarra
que nem mexe, nem pune, nem perdôa,
e mais parece uma alimaria morta,
cabide d'uma c'rôa,
em vez de nosso rei-nossa vergonha!»
Vae Jupiter que faz? Uma cegonha,
das muitas que possui, logo destaca,
e manda que das rãs ponha e disponha,
n'uma das mãos o queijo e n'outra a faca. Ora a cegonha, apenas
em seu throno
dona das rãs se vê e sem ter dono,
diz comsigo:

—Nasci dentro d'um folle!
Quem tira agora o papo da miseria
sempre sou eu!...—

Passeia toda séria,
perna aqui... perna além, n'um andar molle,
e quanta rã apanha quanta engole.

★

Geral consternação o charco enluta.

Renovam-se as lamurias:
que o rei é doido e tem ás vezes furias;
que, doido ou não, o povo trata á bruta;
por fim, que faça o deus formal promessa
d'outro rei que as não coma tão depressa!
tonante
d'est'arte lhes responde:

O Jupiter

«Inutil prece!

Dei-vos um rei tranquillo, inoffensivo,
que nem sempre se tem nem se merece:
um rei que era um regalo!
Foi vêl-o e pôl-o pela barra fóra!
Dei-vos segundo: um genio um pouco vivo...
um pouco extravagante...
Meninas, agental-o!
Era bom o primeiro e foi-se embora.
É mau este de agora.
Contentae-vos com elle, ó meus endezes,
pois venha quem vier... peor mil vezes.»

ONZE DE NOVEMBRO

É noite de São Martinho,
rival do velho Noé.
Cae agua em lugar de vinho,
e—milagre!—o meu visinho
entra em casa por seu pé!...

Memorias do alegre santo,
porque é que tanto duraes
se eu já nem bailo nem canto
dês que me deram quebranto
as peças originaes?!
Até as caras meninas,
socias minhas na funcção,
rosas, d'antes, purpurinas,
por muito favor—cravinas...
d'Ambrosio cravinas são.

Martinho, ao que chega a gente!
Ellas feitas uns pasteis
de carne velha e doente;
eu comprando cada dente
por tres e quatro mil reis!

Bem me toucaram taes flôres!
Bem com ellas me touquei!
Da cabeça agora as dôres
quem m'as faz são os tenores,
as portarias, e a lei!

A lei!... a eterna cantiga!
o eterno sarapatel!
Na nossa idade, e na antiga,

lá para uns certos-espiga;
lá para uns outros-papel.
Só uma córta direito:
só a lei da morte é igual.
Para calcular-lhe o effeito
vou, deitado no meu leito,
dormir um somno real.

ASSIM É QUE EU GÓSTO D'ELLA!

Eu nunca fui poeta. Era loucura
mostrar depois de velho pretensões
quando as não tive em horas de ventura,
de tão dôces, mas breves, illusões.

Então era a minh'alma que gemia
no vago anseio d'onde nasce o amor;
mas hoje sei que amor no mesmo dia
nasce, esmorece, e morre como a flôr.
Da meiga briza o tépido bafejo,
a rosa perfumada, o pôr do sol,
as nuvens d'oiro,—esplendido cortejo
do astro-rei, a voz do rouxinol;

Esse hymno immenso com que a terra exprime
viva saudade pela extincta luz,
se para mim então era sublime,
ai! que já por meu mal me não seduz!

Quando contemplo agora o fim da tarde,
quando ao sumir-se no crystallino mar
o facho accêso sobre as ondas arde
e vae depois nas ondas mergulhar;

Sabeis vós o que penso em tal instante?
—Vêde a que prosa vil isto chegou!—
Sabeis vós o que penso?'... o que lamento?...
O dia mais de vida que passou.
De vida, sim, meus senhores,
que não ha pechincha igual!
Só algum sarrafaçal
em horas de maus humores

grunhirá sombrio e rouco
que pelo seu fim anhele!
Eu cá por mim acho pouco
e morro d'amores por ella!

A vida saboreada
de um certo modo que eu sei.
Nem limpa-botas nem rei;
trazer camisa lavada;
bem lavada a consciencia;
libras velhas na algibeira;
ter um trem e por decencia
um garoto na trazeira.

Cadeiras... todas de braços,
fôfas como pão de ló.
Nunca dar ponto sem nó
nem pôr ponto em dar abraços. Caçadas... feitas no
prato,
e sobre a caça café.
Charutos... dos de contracto
Lib'ra nos! antes galé.

Vejam se eu dava o cavaco
ou se quebrava o toutiço
por ser tudo quebradiço
n'este mundo como um caco!
Em se quebrando... acabou-se.
Ora, adeus! Fortes lamechas!
Era bonito se fosse
ficando tudo p'ra mechas!

Amor de marrafa branca
como o cão e a cadellinha
sempre fiel! Que gracinha!...
Ao chá por baixo da banca
dando ternas pizadellas
que as meias deixam de luto,
que fazem vêr as estrellas,
e provam que o par é bruto.
Ter sempre o mesmo barbeiro
e sempre o mesmo topete!...
Á mesa do voltarete
defronte o mesmo parceiro!...
O molle ser sempre o molle!...

sempre esperto o serigaita!...
Na mesma gaita de folle
soprar quem sopra tal gaita!...

Quem pensa assim... ai! coitado!
ou perdeu todo o juizo,
ou se tem dente do sizo
pelo alveitar foi achado.
Para mim que sou amante
do que muda e do que mexe,
como havia ser seccante
o tal mundo de escabeche!

Beijar nos pulsos a algema
com que Amor nos manietava;
amanhã mandal-a á fava;
a belleza eis do systema. Ser hoje amigo do Brito,
amanhã sêl-o dos Soisas!...
Viajar hoje no Egypto;
vêr ámanhã novas coisas!

Isto, sim, que é prazer certo!
Quem julgar que assim não presta
diga adeus a esta festa
que o cemiterio está perto!
Pois póde haver tolerancia
na China, aqui, ou em Gôa
com quem defende a constancia
que é a maçada em pessoa?!

Aqui d'el-rei porque mente
toda a humana geração!...
Grande pena!... pois então,
se mente, mente-lhe a gente.
Por mentira, mentirola.
Por esparrella, esparrella.
Assim vae esta charola:
assim é que eu gosto d'ella!
Dizem que a vida os assusta
porque em tudo encontram móca;
que o bem a todos não toca,
que a Justiça não é justa.
Eu, por mim, quero-a mais larga,
que, se acaso um dia fôr
parar-lhe ás mãos, menos carga

sobre os hombros me ha de pôr.

E se o bem me não tocar
tambem uma vez sómente,
ferro commigo no quente
e, lá, desato a chorar.
Não é mau. Dou de conselho
a quem quizer divertir-se
que chore em frente do espelho
e por força acaba a rir-se.

Chorar é bom! Quem me dera
nos tempos que já lá vão
quando, moço, o coração,
ao romper a primavera sobresaltado tremia,
e da terra toda em flôr
juntava á meiga harmonia
doces lagrimas d'amor!

Se á vida não acham geito
porque todos têm chorado,
cá para mim vem barrado
quem lhe põe este defeito.
Elles que foram pequenos
e contra as lagrimas chiam,
de *lacrima christi* ao menos
um copo não beberiam?

Tal resmuneia e se queixa
que as filhas não fecha a mãe;
que a mãe namora tambem,
e mais que torna e que deixa!
Ih! Jesus!... Que gritaria!
Se a mãe as filhas fechasse,
nenhuma as portas abria.
Ai de quem as arrombasse!
Caturras! Se ha quem supponha
nas politicas regiões
que inda póde haver Catões
sendo tão rara a vergonha!...
O galante é que no jogo
cada qual puxa o seu trunfo
quando sem armas nem fogo
alcançar póde o triumpho!

Deploram republicanos
que lhes tosquiam as azas?
Pois vão lá p'ra suas casas
fazer dos creados-manos.
Os outros temem que os thronos
se despedacem? Demonio!
Não lhes resta ainda, monos,
os thronos de Santo Antonio?—

Tudo aqui se remedeia;
tudo tem facil saída
se as honras dermos á vida
d'um jantar ou d'uma ceia. Quem tentar pôl-a a direito
perde o tempo e a razão
porque luta peito a peito
com phantastica visão.

Eu nunca fui poeta. Agora vêdes
que menos do que nunca aspiro a sêl-o.
Se espalmar-me tentei pelas paredes
do teu Parnaso, Apollo, vae-me ao pêllo!

Põe-me nú se conservo n'este fato
algun resto de parvoas pretensões,
já que o mundo como é, o mundo ingrato,
despir-me soube as dôces illusões.

Dormi. Sonhei. Do sonho hoje acordado
na prosa da verdade emfim caí;
mas como tudo tem sempre um bom lado
ganhei gordura se illusões perdi.

EM CINTRA

Tal qual como o sacrista,
o velho Catecismo soletrando,
primeiro se espreguiça;
cabeceia depois de quando em quando;
por fim já não atina
se ha tres, se um cento d'inimigos d'alma;
meninos e doutrina,
rosnando manda á missa;
engendra um travesseiro da batina;
deita-se e dorme emquanto dura a calma:
farto da vida fui-me estiracando
n'este alcantil, onde aves de rapina fizeram ninho
outr'ora.

Ao longe o sol declina;
já sobre as ondas arde.
Soltando a voz sonora
n'um murmúrio suave expira a tarde.

Ai! quem me dera aqui morrer agora!...
Não ha somno melhor!... Somno?... Seria?...
Eu penso que não é, que sentiria
em torno do meu sêr, do meu sêr novo,
uma coisa qualquer que a phantasia
não ousa precisar, á qual aspiro,
para a qual vou fugindo, que me chama,
na qual hei de caír como em seu giro
alado insecto vae caír na chamma.

Não é tolíce, não. Quem n'este mundo
diria afoito ao sabio mais profundo,
se n'esse tempo o mundo sabios tinha,
que dentro da gallinha estava um ovo
e dentro d'aquelle ovo outra gallinha?...
Assim succede em tudo. Muda a fôrma; as condições variam da
existencia;
mas, por mais que a materia se transforma,
intacta se conserva sempre a essencia.
Logo: hei de viver. Ter consciencia
d'aquillo que então fôr!...

UM CORVO (*que fende o espaço, grasnando*)

Senil demencia!
Sobre essa rocha estoira como um ôdre:
terás a mesma sorte

de tudo quanto é pôdre.
Serei eu só bastante
para fazer-te o corpo n'um farrapo.
Que vida has de viver desde esse instante
mettido no meu papo?
Aonde a consciencia?... o sentimento?...
Perante a Eternidade
tu duras um momento.
Serviste o pensamento
da grande Divindade;
depois!... Depois da morte
não és coisa que importe
do mundo ao movimento.

UMA ANDORINHA (*chilreando em roda da penedia*)

Ai! terra onde nasci!
Ai! dôce patria minha!
tão longe eu sou de ti!...

Saudosa do palmar,
aqui, pobre avesinha,
errante a voltear.

Um dia... qual-não sei...
um dia, em vindo o inverno,
de novo á patria irei.

Então sob o docel
d'aquelle azul eterno,
nos plainos meus d'Argel
Emfim serei feliz!
Nenhuma primavera
roubar-me ao meu paiz

Jamais conseguirá!...
Uma outra pátria, espera,
tambem te sorrirá.

UM SAPO (*no fundo do valle*)

Cantigas! boas cantigas
lá por cima oiço cantar.
Do que vae cá pela terra
entendem mais as formigas,
sabem mais reptis na serra

que os passarinhos no ar.

Deixa piar a andorinha.
Bem facilmente se ad'vinha
a tua sorte futura. Tu és, amigo, a doninha.
É teu sapo a sepultura.

Cantigas! Boas cantigas!
Quem trinca, trinca; trincou.
As doninhas que hei papado
por mais figas, figas, figas
que as outras me têm armado,
ninguem d'aqui m'as levou!

O PINHAL (*ao longe*)

N'um cantico dolente
meus hymnos rumorejo.
É Deus que passa em mim; o Deus que eu vejo
em tudo o que palpita, e vive, e sente.
Ó balsamica rosa,
quando a fragrancia exhalas docemente
da petala mimosa;
lá quando do teu seio,
tepido ninho d'um amor fremente,
irrompem n'um gorgoejo
maternas alegrias, é Deus que passa, o rosto surridente,
cercado de harmonias.

O SINO DA PENA

Dong!...
Dong!...
Dong!...

UM VELHO QUE VAE NA ESTRADA (*tirando o barrete*)

Avè, Maria,
cheia de graça...

O SINO

Dong!...
Dong!...
Dong!...N'estas auras subtis do fim do dia
—descobri-vos, mortaes!—é Deus que passa.
Dong!...

Dong!...
Dong!...

Desde a remota idade á idade hodierna
Descrença e Fé por esse mundo fóra
vão em perpetua luta caminhando.
Da Sciencia os cartapacios consultando
em Deus não crê, não crê na vida eterna
quem da eterna sciencia tudo ignora.
Sei d'alguns que não crêem... porque é moda...
por ser qualquer idea contrabando
em casco avariado. Finalmente,
crêr, ou não crêr, a certos pouco importa,
por isso que incommoda
andar com seus botões pensando a gente
no fim que ha de levar depois de morta.

Eu á Sciencia estranho e bom jarreta,
eu que penso em morrer, por ser um vivo
que fecha a mala e puxa da gorgeta, encontro ás minhas maguas
lenitivo
crendo que ambas as coisas não são pêta.
Tudo em roda de mim é o grande effeito
d'uma causa maior, cuja existencia
dois principios envolve fatalmente;
amor e omnipotencia:
poder que salva; amor sempre clemente.

Isto me fique ao menos! Hei mudado
de pensar e sentir bastantes vezes.
Só não pude sentir nem ter pensado
ser o mundo um curral, e nós-as rezas.

PEDINDO O INDULTO

D'UM ALUMNO MILITAR

que em 1872 foi expulso do Lyceu de Lisboa por não
haver restituído a outro alumno um livro que lhe
pedira emprestado

Misericórdia!... Um rapaz
sem reflexão e sem tino, que
é da milícia e inda traz
reles buço de menino, brincando pede e sonega
um mau livro a um mau collega.
O facto é grave! A moral
traja luto!... Esta noticia
corre por maneira tal
que até chegou á policia!

Desloca a pedra angular
do social edificio!...
Cheira a Communa!... Pelo ar,
em busca d'um outro officio,
paira e pia a disciplina!...
Ai de nós! que é certa a ruina
se um braço potente e audaz
não suspende o cataclysmo!...
Corte-se fundo o antraz!
Dôa e pelle o sinapismo!

Assim se fez. Lá no ceu
ha quem nos proteja ainda.

A lei pune. O infame reu
cae prostrado, e o p'rigo finda.
Sabia a lei no monstro fere
Cartouche e Robert Macaire. N'um golpe os reduz a pó!
Da dupla calamidade,
descascando um ovo só,
livra e salva a humanidade!

Os relaxados sandeus
dizem:—Não valia a pena.—
Mas é que a Lei, pygmeus,
não raciocina, condemna.
E raciocinasse!... O pepino
não se torce em pequenino?
Aprender nos livros quiz?
Quiz illustrar a sua farda?
Fique burro, que o paiz
gosta que o sirvam d'albarda.

A vergonha, a nodoa, o que é?
O que foi sempre. Esta é fina!
Um pinguinho de rapé
que se tira com benzina:
um nada... que inhabilita:
a letra fatal escripta
com ferro em braza na mão!
E n'este abysmo se lançam piedade e sem razão
uma inconsciente creança!...

Melhor livro alguém pilhou
sem ninguem lhe gritar:—Larga!—
Lambeu; os beiços limpou;
e poz-se de mão na ilharga!
Não! que o melro d'alto canta!
e quando ás vezes se espanta
fazem-no Deus, tal creereis?
Uno e bis trino,—isto é sério,
pois sendo os ministros seis
é só elle um ministerio!

O supplicante, senhor,
cartista puro, em presença
dos factos que vem de expôr,
pede o indulto e a recompensa
que o pobre rapaz merece.

É fundada a sua prece
em ser a Lei coisa igual:
e, sendo, já me contento,
se não póde ser mar'chal
façam-no ao menos sargento.

PROCESSO

1875

LIBELLO

Le cynisme de l'apostasie.

(BERRYER).

Que graçolas são essas, senhor Palha?
Que estulto riso sobre tudo espalha?
Costuma attribuir-se a pouco siso
O séstro folião do eterno riso.
E cuidou tirar joias d'um thesouro?
Cuidou ter dito bocadinhos d'ouro? Pilherias de matar, chistes
d'arromba?
Pois nunca embalde co'a razão se zomba,
E com ella zombou no seu escripto.
Uma coisa é *espírito*, outra *esprito*.
Já vê que me refiro á carta-asneira
Abrindo aos disparates a torneira
Nas illustres columnas do *Illustrado*.
Quanto fôra melhor estar calado!
A defeza enterrou-lhe a protegida,
Ha patronos assim; hoje é perdida
A causa da Madama. Andou de leve
Em tudo quanto disse, e nunca teve
Hora mais infeliz. Veja: primeiro
O seu grande argumento é—*dá dinheiro!* Que miseria inaudita!
D'esse modo
Bota abaixo a moral do mundo todo.
Ó venenos subteis, ó ferros finos,
Quem maldirá a mão dos assassinos
Se vós rendeis milhões? Ó lupanares
Da vil prostituição, nos seus cantares
Passou-vos Palha carta de limpeza.
Lucraes muito por dia? Santa empresa.

Não quer saber de mais; o merecimento
Afére-o pelo ganho; isto é nojento.
A moral, a virtude, que lhe importa?
O caso está em quanto rende a porta,
A corrupção geral é que o deleita
Dês que possa ser fonte de receita. A arte mascarou-se em
traficante,
A arte é *chilrear* e vêr sonante.
E houve quem berrasse, e inda hoje berra,
Contra o barbaro interesse da Inglaterra
Envenenando a China? Que patetas!
Não haviam mugir á vacca as tetas?
Se vem sangue no tarro que tem isso?
O sangue tambem faz bello chouriço.
E fresquinha a *Madama*, e curto o fato?
Diz elle que o reparo é caricato.
Pois quanto mais a filha mostra a perna
E a linguagem mais cheira a taberna
Mais acode o concurso hoje em Lisboa
Que até na *côrte*, em gripho, inda resôa
A fama de Cascaes e os lindos *fados* Que por lá se dançaram, e os
trinados
Da banza afidalgada; haja folgança
Que n'este mundo ha só prazer e pança.
Na insulsa peça o Palha chocarreiro
Só dá voto de peso ao bilheteiro;
Com este é tudo bom. Frivolidades,
Phrases regateiraes, e necedades;
A praça da Figueira, emfim, na scena,
Sem um dito sequer que faça pena
De não lembrar depois; eis o encanto
Do Palha da Trindade; e faz-lhe espanto
Que os da Nação não saltem d'alegria,
E ratos diz que são de *Sacristia*... Alto lá, senhor Palha, mais
decencia.
Não se emporcalhe assim *Vossa Excellencia*.
Não bula na *Nação*, que o trouxe ao collo,
Que passa por ingrato, além de tolo.
Pois não andou por lá de noite e dia?
Não foi rato tambem na sacristia?
Então o dizer mal mui mal lhe fica;
Embora n'outra parte arme a futrica.
O bonito é caluda. Se hoje adora
O que d'antes queimára, rôa agora
Nas lonas do theatro, chupe azeite

Dos candieiros da rampa, mas não deite
Só por na corrupção viver contente
Má fama da que fôra sua gente.
Que mal lhe fez á bolsa, em que só pensa,
A antiga tradição, a antiga crença?
Desertou; e bem viu que foi tranquillo,
Nenhum tiro se deu a perseguil-o,
Nenhuma voz se ergueu bradando-raca-,
Nem ninguém lhe puxou pela casaca.
Virou-a como quiz; e nem as trovas
D'aquelle *José Paes de Torres Novas* Ninguém lhe recordou: assim,
nem pio,
Que mais calvo o farão, e inda faz frio.
Se seu honrado pae resuscitasse
Como o rubor lhe subiria á face
Vendo o filho truão na patria cara
Cuspir injurias, com facecia ignara; Vendo o filho nos tempos em
que vamos
Morder insano a procissão de Ramos!
Que tem, que póde ter gambia obscena,
Em anzol de patacos sobre a scena,
Com pia procissão, qualquer que seja,
Dês que tem por escudo a Santa Egreja?
Como o tal velho Palha encresparia
O sobr'olho a toda esta porcaria?
Vêr seu filho gabando os assobios
D'amoladinhos vãos e de vadios;
Censurar a gravata séria e lisa;
O pé fresco exaltar; gente em camisa;
Ser-lhe, emfim, tudo antigo de quizilia
E comicos só ter como familia!...
Ó manes venerandos e *embécados* Dos Desembargadores, sois
trocados
Na voz do filho e neto, em sêde d'ouro,
Por titeres do palco! Forte estouro
Levava o tal amigo se surgia
Toda a Palha anciã, se não morria
De vergonha outra vez, que é coisa dura
Ver por nossos mordida a sepultura!
Mas basta, senhor Palha, e se inda a fome
Lhe exige mais roer, roa em seu nome.

(A Nação).

CONTRARIEDADE

*..... e nunca teve
Hora mais infeliz.....*

(V. Exc.^a MESMO).

Cantor das duzias, teu rosto
porque é que encobres assim?
Quem és tu? Es Arlequim?
Es o Furioso de Ariosto?
Es o Roberto Pimpim?
És um anão Torquemada
com pretensões a Vestal,
fructo da copla carnal
do author da *Besta esfoladae* do esfolado animal?...

Não és coisa alguma d'estas?
Então, ó santinho, o que és?
Pedes p'r'a missa das dez,
ou tocas órgão nas festas
e dás aos folles co'os pés?

Pela linguagem rasteira
contigo decerto dou.
Se pae não és, és avô
da que chamas regateira,
da propria filha da Angot.

E a neta engeitas?... e á neta
condemnas a phrase chã?
Que cheira mal a hortelã
dizêl-o póde, pateta,
a vil cebola albarrã?

É franca? P'ra sempre o seja.
Vale mais ter esse dom
que ser beato e maçõn
e berrar que é contra a Egreja
colhér e trolha!... Chiton!

Mostra uma perna? Essa é boa!
Olhem lá co'o que elle vem!
Mostrou uma? Pois tambem
você percorre Lisboa
mostrando as quatro que tem.

Ó sociedade corrupta!...
Ó moralista infeliz!...
que viste a perna da actriz
e em vez de beber cicuta
vaes beber... ao chafariz!

Eu sei que o mundo é doente.
Tem um scirro que o corroe.
Além d'isso ao fraco heroe
doe-lhe inda a raiz do dente
que foi arrancar a Alcoy.
Ao mais pequeno symptoma
que indique augmento do mal
recresce a faina geral.
Com papas lhe acode Roma
na região temporal;

Dá-lhe sangrias Castella;
põe-lhe um cauterio o allemão,
emquanto mata o capão
e ferve á pressa a panella
a Italia no seu vulcão.

Em França a magna assemblea
revôlta, ignara, loquaz,
discute se é agua raz
ou se é forca a panacea
n'este momento efficaz.

Seguindo o fraterno impulso,
o frio, sizudo inglez
chega-se ao leito do endez
e diz, tomando-lhe o pulso:

Inda não vae d'esta vez.
E o pai da magra Siberia,
o grande doutor Moscow,
da casa de Deus avô
brama:—*Pois se a coisa é séria,*
ó rapazinhos, lá vou.
Mas tu co'os teus alfarrabios
e com teu sorriso alvar
é vêr, apalpar, e... obrar.
Podera! Que valem sabios
onde aparece o alveitar?...

Assim, receitas á antiga:
«Dois grãos de moral... de Adão,
que andou nú e foi burlão.
Com elles faça uma figa,
raspe, e metta de infusão.

«Deite depois disciplinas
com ponta de pita e nó.
Misture São Pedro em pó,
e co'as minhas proprias clinas
fomente o enfermo sem dó.
«Note bem. Rigor na dieta
de acepipes liberaes.
Não cheirar sequer jornaes.
Se a cura for incompleta
dê-lhe mais... e mais... e mais!»

O mau, o peor, o diabo,
ó cego Miramolim,
é que essa droga ruim
por um triz que já deu cabo
do mundo vezes sem fim.

Não faças mais medicina
que o tempo gastas em vão;
e, se és tolo ou charlatão,
grunhe contra a tua sina,
mas contra mim, isso não.

Porque andei lá na botica
de *avantal* e braços nós,
porque os xaropes compuz,
mais e mais se justifica

meu tédio pelo alcaçuz.
E se a Nação me deu mama,
se ao collo trazer-me quiz,
porque estranhas se lhe eu fiz
no regaço e p'ra tal ama
o que faz todo o petiz?!

Sob a campa que os encerra
deixa tranquillos os meus.
Não chames, rei dos pygmeus,
para as contendias da terra
aquelles que estão com Deus.

Do seu tempo honradamente
seguiram costume e lei.
Com ser do meu provarei
que amo a patria, a minha gente,
e o seu exemplo imitei.

E se algum, velha maluca,
surgisse da eterna paz,
de provar-me era incapaz,
que os olhos estão na nuca;
que o *direito* é andar p'ra traz.

SENTENÇA

Estes autos correndo folha a folha,
d'elles fica provado á saciedade
que tem bolha a Nação, e que tem bolha
o Palha da Trindade.

Marfára-se o jornal só porque em scena
mostrára certa artista
uma das pernas gordas, e essa-obscena,O Palha redarguiu: que
era uma pena

e, mais, uma injustiça
tratar como se fôra de corista
a perna d'uma actriz—das de mão cheia;
—que a perna era a cubiça
do velho jornalista;
—que o ferro d'elle, o ferro... era que a meia
cobrisse aquella gambia tão roliça;
por fim—que era um sacrista...
insulto enorme a quem ajuda á missa!

Ás partes deu-se vista
da perna questionada. Era postiça.

Recalcitra a Nação, accesa em febre:
—que fôra burla torpe, e facto novo
em terra portugueza, dar-se ao povo
um gato em vez de lebre.
—Que falsa ou verdadeira a perna fosse,
de rama d'algodão, ou simples cana,
sempre era perna, e *gratis* dava um dôce
a quem de lhe morder não dêsse a gana.
D'ahi a grave offensa
á pureza moral da raça humana;
a indignação immensa

d'uma sã consciencia ultramontana!—Que o Palha tambem fôra antigamente

irmão na sacristia
levantando a ração, conforme a havia,
e sempre com bom dente.

—Que lá n'um bello dia
fugira como um burro cacilheiro
sem lhe gritarem: *Chó!...* Que santa gente!

Que o réles empresario, tendo o fito
nas cruces do dinheiro,
trazia todo inteiro,
aos pinchos, dentro em si, um vil cabrito:
a fórma d'animal mais predilecta
do Belzebuth maldito

quando a noss'alma empanzinar projecta.
—Que os paes, avós, emfim toda a Palhada
que jaz na cova, qual vivera, honrada,
por causa da tal perna
ficára condemnada
d'uma eterna vergonha á dôr eterna.

O réo contesta, e diz:

—Que era verdade
haver por lá andado;
mas n'uma tal idade
que não chegára nunca a ser ferrado.

—Que o tinham n'um cerradoonde brotava apenas a Saudade;
constante era a estiagem;
o ceu caliginoso;

de lagrimas sómente a beberagem;
por festa o cardo; espinhos só por goso.

—Que tiritando ali, aguado o pêllo,
extincto o movimento,

transportado se vira n'um momento
ás pávidas mansões do eterno gêlo.

—Que, lá muito de longe, a Liberdade
lhe fez então negaças.

«Tens frio?... Vem. Aqueço. A escuridade
é de razão deixal-a á sepultura,
veu das caveiras, manto das carcassas!
Chama-te a luz! a luz que vem da altura
dos iriados ceus!... Surge!... Caminha!...
Quanto mais caminhar a humanidade
do espirito de Deus mais se avisinha.»

Apoz da seducção d'aquelle canto,
 ouvindo aquelles hymnos,
homem por elles feito, erguida a fronte,
partira ancioso em busca do horisonte onde, envolvida em nimbos
purpurinos,
 c'roada d'amaranto,
 a deusa refulgia.
Partira. Fôra. E não se arrependia.

Conspurcal-a pretendem? Na passagem
cospem-lhe insultos? Baixam-lhe a pagode
o templo augusto? Arrastam-na á voragem?
Ella é pura sempre; é sempre forte!
Póde velar seu rosto; só não póde,
sem que renasça, captival-a a morte!

E disse mais. E disse d'esta sorte:
-Que mesmo ao Santo Padre, e mais é santo,
não faz o dinheirinho um mau cabello...
nem, em nome de Pedro, recebêl-o.
Para engeital-o, em menospreço tel-o,
nas mãos como José largar-lhe o manto,
um pobre peccador e Belisario,
 seria necessario
 que fosse um dromedario;
 que fosse um gran camêlo!

-Que exhibir uma perna no theatro
não era nada comparado ás quatrosobre as quaes a *Nação* a
qualquer hora
vae, cabisbaixa, manquejando legoas
por esse paiz fóra.

 -Que em seu rancor profundo,
sendo christã, não dera ao menos tregoas
áquelles que dormiam descançados
 nas sombras do outro mundo!...
 Coitados!...

 Sim; coitados!
Empenharam-se juntos na batalha
em pró do mesmo rei. Nos mesmos fossos
o mesmo pó morderam. Na mortalha
nem isso lhes valeu!

 Ai! pobres ossos!

Ouvidos por tal fôrma ambos os lados;
e

—Sendo mais que certo
que a folha authora, os olhos pondo em Christo,
por um cantinho d'elles já tem visto
pernas no palco, e pernas mais ao perto,
sem que torça o nariz ou mostre nojo;—Não podendo a Moral
chegar tão longe
que exija a cada canto um Varatojo,
nem de cada mortal engendre um monge
dormindo sobre o tojo;

e
Visto que a Nação no seu ataque
foi rude, e foi cruel, e deu motivo
do Palha ao fogo vivo
que a poz, no ardor do saque,
pouco mais, pouco menos, como um crivo;

—Sendo que o Palha, embora na defeza,
faltou ás leis da guerra
contundindo a Nação prostrada em terra;
inutil, bestial, impia fereza,
inda em cima aggravada na certeza
de estar sovando um martyr;

Attendendo
a ter o mesmo reu a consciencia
do mal que procedia
quando, esquecendo a antiga convivencia
por futil ninharia,
em vez de lhe deitar logo um remendo
se poz a esg'ravatar na porcaria;
Manda a Justiça, a cega, a que é machucha,
a pomba immaculada,
a fossil que nem chuchanem consente sequer em ser
chuchada;
ordena a incorruptivel,—Deus lhes valha!...
que vejam bruxa os dois! Veja uma bruxa
a bruxa da Nação! Veja outra o Palha.

Assim, condemno os dois da vida airada.

Em castigo ao jornal seja o Libello,
n'um livro, publicado. E que o releia,
(pequena penitencia ao grande excesso!)

quem á bilis soez abriu a veia.
Saibam-lhe a fel, e tringue-os sempre á ceia,
os fructos do seu odio!

Dal-o ao prelo,
dar-se a si mesmo em elzevir impresso,
jungidos ambos, presos n'um só elo,
do Palha a pena seja, e o seu flagello!

Na mesma falta incursos,
e n'outra falta ainda, a de recursos,
paguem os dois as custas do processo.

INDICE

	<i>Pag.</i>
Dona Morte	7
Por fim	17
Carta ao Conde d'Almedina, Inspector da Academia Real de Bellas-Artes, que no estrangeiro sollicitou uma commenda para o author	23
Requerimento	27
Prefacio d'um livro inedito	33
Mal por mal	35
A uma creatura	39
Além da campa	45
A Julio Cesar Machado, que em folhetim do <i>Diario de Noticias</i> dirigira ao author phrases benevolas	47
Dies iræ	53
O meu tinteiro	57
A Venus nova	63
O lobo e o cão	67
Deus e o Amor	71
Enteada	87
N'um album	89
Raphaela	91
As minhas memorias	119
Estrella cadente	121
Ao actor João Anastacio Rosa que, na sua officina de sapateiro, mandára fazer para uso do author umas botas impermeaveis	129
As rãs pedindo rei	133
Onze de Novembro	139

Assim é que eu gosto d'ella!	143
Em Cintra	153
Pedindo o indulto d'um alumno militar que em 1872 foi expulso do Lyceu de Lisboa por não haver restituído a outro alumno um livro que lhe pedira emprestado	163
PROCESSO (1875):	
Libello	167
Contrariedade	173
Sentença	181

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK
MUSA VELHA ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright

law. Redistribution is subject to the trademark
license, especially commercial redistribution.
START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE
OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of

Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not

claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs

1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a

format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to

prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing

from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO

REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to

occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541.

Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.